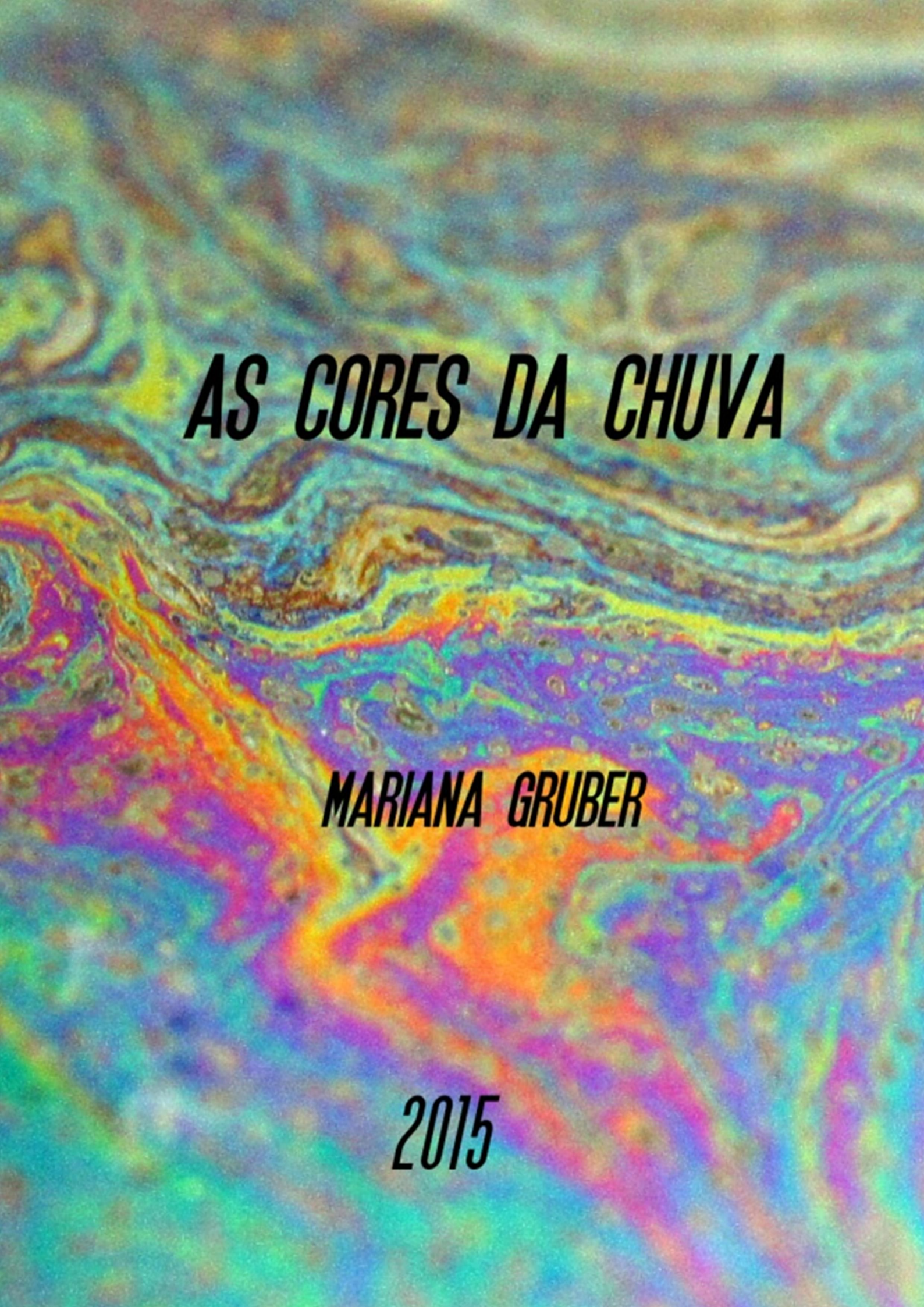




AS CORES DA CHUVA

MARIANA GRUBER

2015

AS CORES DA CHUVA

Por Mariana Gruber

Capa: “oil on water amt” (Alice, 2012)

Do site Alice Through The Macrolens

**Projeto final da disciplina Escrita
Criativa do curso de cinema UFSC**

Professor Marcio Markendorf

Apresentação

Neste portfólio, juntei os contos criados ao longo do semestre para a disciplina de Escrita Criativa. Apesar de cada história ter uma narrativa diferente e elementos técnicos de estrutura diversos, elas contêm algo em comum: uma parte do que sou como escritora e meu desenvolvimento como tal.

Sinto que eu cresci junto com elas enquanto escrevia, expressando-me livremente e descobrindo-me nesse processo. E é esse o resultado.

Sumário

Bonequinhos de porcelana.....	1
À Deriva.....	11
Entre quatro paredes.....	16
Paris.....	20
À noite.....	26
A rainha e o ogro.....	30
O casal.....	32
A ponte.....	35
A vida solitária do pequeno Ben.....	41
Roteiro – Pesadelos.....	54

Bonequinhos de porcelana

O novo vizinho de Rose chegou em uma quinta-feira qualquer.

Por sorte, desta vez, a jovem mulher havia sido despertada por seu alarme, algo que só ocorria raramente. Quando ouviu as batidas descontínuas de malas sendo arrastadas escadas acima, ela já estava em sua pequena cozinha. Preparava um café, parada ao lado da máquina impacientemente, esperando que os ruídos bruscos cessassem e deixassem seus ouvidos sensíveis em paz.

Rose sabia que o recém-chegado dirigia-se ao até então vago apartamento, logo acima do seu. Ela suspirou; iria sentir falta do silêncio que não mais existiria, substituído por sapatos que pisoteariam sobre sua cabeça e móveis que se arrastariam sobre seu teto.

A cafeteira apitou, avisando que sua bebida quente estava pronta; ao mesmo tempo, seu celular vibrou com novas notificações, o vizinho de baixo, um chinês rabugento, soltou um berro agudo enquanto algo pareceu cair no chão com um estrondo e bateram à sua porta. Rose – um pouco desnorteada pelos sons que surgiram subitamente como estouros de pipoca – demorou até alcançar sua sala de entrada, os pés descalços e o piso gelado fazendo-a estremecer e questionar se não seria melhor voltar para o conforto e calor de suas cobertas.

Ela abriu apenas uma fresta, o ângulo estreito, mas o suficiente para enxergar o rosto jovem de um rapaz do outro lado. Seus olhos arregalados e postura levemente encolhida revelavam seu nervosismo. Ele era bonito.

“Bom dia! Desculpa o incômodo, mas acabei de me mudar e –”

“Eu ouvi.”

O jovem pausou, franzindo o cenho. Ele não era tão novo, mas sua expressão era sincera e simpática; Rose quase se sentiu culpada por tê-lo interrompido. Porém, antes de seu primeiro copo de café, era melhor que todos mantivessem distância.

“Pois é, o elevador não estava funcionando. Acordei você?”

“Não, não, me ignore. Sou um monstrinho de manhã sem cafeína no sangue. Péssimo, eu sei. Em que posso te ajudar?”

Abrindo um sorriso aliviado, ele relaxou. Deu de ombros, então, embaraçado.

“Sei que não estamos mais no século passado e agora existem celulares, mas a bateria do meu resolveu morrer justo agora e não encontro a minha chave. Posso usar seu telefone?”

Rose concordou, depois de uma breve hesitação. Analisou-o, estreitando os olhos, até estar enxergando através de pequenas fendas. O rapaz não parecia uma ameaça – mas não são os piores assim? Indicou-lhe o telefone sobre a mesa de canto da sala de estar e fechou a porta atrás dele.

“Meu nome é Quentin, aliás.”

“Rose. Fique à vontade.”

Ela buscou sua xícara de café no balcão da cozinha, observando-o sobre o ombro, esperando que do homem gentil fosse surgir uma besta a qualquer momento.

Voltou à sala e sentou-se de lado no sofá, sem tirar os olhos dele. Quentin discava calmamente, preso à base pelo fio enrolado do telefone. Era um aparelho antigo, a tinta vermelha desgastada pelo tempo, mas Rose adorava-o. Mesmo mal o usando, por estar sempre nas ruas ou em um de seus empregos, gostava de manter a linha para que pudesse conversar com seus pais nos domingos à noite, deitada sobre o divã da sala e contorcendo o fio com seus dedos delicados.

O cheiro dos grãos de café moídos exalava de sua xícara, a porcelana quente contra sua mão; e ela tomou cuidado para que não derrubasse nenhuma gota em sua camiseta ou calça do pijama, ambas de cores claras, e aproximou as mãos do rosto, o vapor aquecendo sua face e ruborizando suas bochechas.

Ela tentou não prestar atenção na conversa de Quentin; resolveu, como alternativa, admirar suas feições e não pensar demais sobre esse rapaz que simplesmente aparecera em sua porta e a encantara com seu sorriso.

Ele murmurava de vez em quando, mais ouvindo atentamente ao que a outra pessoa dizia. Quando desligou, alguns momentos depois, virou-se para a mulher, a expressão tímida.

“A chave está com meu decorador.” Quentin se levantou. “Ele vai trazer ela pra mim daqui a pouco. Acho melhor eu ir, obrigado por –”

“Não seja tolo, você pode esperar aqui.”

“Não quero te atrapalhar...”

Rose sorriu. “Tudo bem. Sempre me atraso pra esse emprego, ele é insuportável. Ao menos dessa vez eu tenho uma desculpa.”

Quentin soltou uma risada alta, pegando até mesmo ele de surpresa. Cobrindo a boca com a palma da mão, ele se recompôs.

“Obrigado, Rose.” ele voltou a se sentar no divã de veludo, ajeitando-se numa posição confortável. “Com o que você trabalha?”

“Bom, de dia eu sou recepcionista de um escritório. Não sou a única, então eles não se incomodam tanto com meu atraso, mas acho que vou acabar sendo despedida logo, logo.”

Ela deu de ombros, sem se importar. Não seria a primeira vez que perderia um emprego por causa disso, mas manhãs não concordavam com ela de jeito algum.

“E de noite?”

Os olhos da jovem brilharam. “Eu canto. Normalmente em bares, às vezes em restaurantes para gente esnobe. Faz parte.”

Quentin entrelaçou os dedos, inclinando-se para frente e apoiando os cotovelos nas coxas. Ele balançava a cabeça avidamente, como se entusiasmado pela paixão genuína de Rose, como se quisesse saber mais. Ela percebeu, então, que estava bebendo de sua xícara tranquilamente, enquanto sua visita tinha as mãos vazias.

Depois de oferecer-lhe algo para beber e ir buscar na cozinha um copo de leite, os dois continuaram conversando. As palavras fluíam sem dificuldade entre eles e, quanto mais eles contavam de si e ouviam do outro, mais fundos ficavam os assuntos e menor era a censura em suas cabeças antes de falarem algo.

Quentin disse que era um escritor e havia acabado de voltar da Argentina, após seis longos meses solitários, durante os quais não fez muitas amizades e perdeu toda a inspiração que tinha para criar histórias. Tinha ido por insistência da família, a qual queria que ele explorasse o mundo e vivesse mil aventuras – no entanto, as únicas que ele queria vivenciar eram as de dentro de sua mente, através da imaginação.

Rose entendia; compartilhou um pouco de sua vida, de como estava tentando guardar dinheiro para viajar pela Europa, tentar uma carreira de cantora por lá. Teria que deixar seus pais no interior dos Estados Unidos, os quais já via tão pouco e eram contra sua partida. No entanto, essa cidade estava sufocando-a, repleta de memórias doloridas enquanto ela era obrigada a juntar os pedaços de si espalhados por ruas, trilhos de metrô e arranha céus, rastros de lágrimas ligando-os e contando uma história que ela não queria esquecer, mas também não aguentaria reviver.

Empatia conectou esses dois estranhos como se fossem amigos de infância. Horas se passaram até que Rose olhou para o relógio na parede e viu que era melhor ir se arrumar se quisesse manter o emprego. Fechou-se em seu quarto para tomar uma ducha rápida e se vestir. Ouviu a campainha mais tarde, enquanto fechava os botões de sua blusa social e tentava calçar seus sapatos ao mesmo tempo. Apressou-se para poder ir ver quem era.

“Rose, meu decorador chegou. Obrigado por tudo, nos vemos por aí!” a voz de Quentin soou abafada pela porta do quarto da jovem, a qual só tinha que por os brincos e ajeitar o cabelo para estar pronta.

“Imagina, foi um prazer!”

A porta foi fechada logo depois e o silêncio voltou a reinar em seu apartamento. Rose respirou fundo. A normalidade estava de volta, só que dessa vez vinha com uma sensação de vazio que não sentia desde a última vez em que falara com seus pais no telefone. Essa ânsia, há um tempo adormecida, por companhia.

Afastando seus pensamentos ruins para o fundo da mente, desceu as escadas do prédio com pressa, parando por apenas um momento para levantar a cabeça e procurar o corredor ao topo do seu, com o mesmo corrimão e as mesmas portas de madeira, mas agora diferente; cheio de vida. Chegou à calçada e assobiou com força, o som forte e agudo chamando a atenção de um dos táxis que passavam, fazendo-o parar.

Parando no mesmo Café de sempre para comprar um croissant e mais um copo de café, Rose caminhou pela avenida, refletindo sobre sua manhã fora do comum. Andou até a Tiffany’s e parou para admirar sua vitrine. Já estava atrasada mesmo, não se importava em perder mais uma hora para poder manter sua rotina relaxante de namorar os diamantes que via do lado de fora.

Ela mal notou que sorria, comparando inconscientemente – e ela iria negar se perguntassem depois – o seu novo vizinho ao diamante singelo que brilhava de dentro da loja; este representava a energia, o Sol e a pureza que aquele parecia emitir com apenas um sorriso largo e rugas de felicidade em seus olhos sinceros.

O “por aí” de Quentin acabou acontecendo naquele mesmo dia, no final da tarde.

Rose voltava de seu emprego no escritório, a carga de trabalho e as broncas que ouvira tendo-as deixado exausta, e acabou trombando em alguém na entrada do prédio, perdendo o equilíbrio. Mãos firmes evitaram que ela caísse, segurando sua cintura.

“Epa! Você com certeza sabe como fazer uma bela entrada.”, Quentin – em quem havia esbarrado, para sua surpresa – comentou. Ele ria levemente, balançando a cabeça como se entretido pela situação.

Ela deu um passo para trás, pondo distância entre os dois sutilmente. Eles não se conheciam há nem um dia, Rose não entendia porque seus lábios se curvavam em um sorriso como se estivesse cumprimentando um velho amigo.

Tirou a poeira invisível de suas roupas e ajustou a gola da blusa, fingindo ultraje.

“Eu estava com pressa!”, exclamou.

“Qual a urgência?”, Quentin entrou na brincadeira.

“Minha cama *realmente* precisa de mim. Se eu não dormir logo, nem sei o que pode acontecer.”

“Que pena, pensei que você fosse cantar hoje.” ele parecia realmente decepcionado, Rose notou.

“Hoje não.”

“Amanhã?”

Seu olhar cheio de expectativas fê-la sorrir tolamente.

“Também não. Estarei dando uma festa amanhã à noite, na verdade, vai ser depois das seis. É só aparecer.”

“Esse é o convite que os jovens fazem hoje em dia? *É só aparecer?*”, ele imitou sem maldade.

“Pois saiba que não! Mas posso te convidar para o evento do Facebook se você preferir.”

Os dois riram.

“Assim está bom. Provavelmente não vou poder ficar até muito tarde, mas não vou perder essa chance de comer e beber de graça.”

“Quem disse que vai ter comida?”, Rose questionou, a sobrancelha fina arqueada, enquanto contornava seu vizinho no pequeno saguão e já dava os primeiros passos degraus acima.

Quentin abriu a porta do prédio, bufando, incrédulo pela mera insinuação de uma festa sem comes e bebes.

“Não voltei para os EUA para aturar essas blasfêmias.”

A grossa porta de metal da entrada não pôde abafar a gargalhada deliciosa que Rose deixou escapar. Separando-se, cada um seguiu seu caminho, um sorriso largo estampado em seus rostos contentes.

A festa no dia seguinte começou pontualmente às dezoito horas, com a chegada do primeiro convidado.

A sala de estar de Rose foi enchendo aos poucos, homens e mulheres jovens circulando pelo espaço com a mesma elegância de suas roupas em seus passos. Enquanto ainda era cedo, um álbum de Aretha Franklin soava de algumas caixas de som como música de fundo, para não atrapalharem as conversas entre as pessoas. Havia um copo ou taça na mão de cada um, do qual era bebericado com frequência na busca de uma embriaguez rápida ou desinibição libertadora.

Rose caminhava entre seus convidados, um vestido azul-marinho delineando suas curvas, suaves como as voltas que dava pela festa. Ela sorria e cumprimentava quem mal conhecia, mantendo a pose de anfitriã e fingindo estar entretida, quando na verdade estava achando tudo aquilo um belo tédio. Ela não tinha muitos amigos; todos ali eram meros colegas ou figuras das quais deveria tentar se aproximar para fazer contatos e conseguir deslanchar em sua carreira como cantora. Não havia ninguém com quem pudesse realmente ter uma conversa interessante e, naquele momento, rodeada de adultos em sua própria casa, a sensação de solidão tomou conta novamente.

Ela precisava beber mais. Foi à cozinha, atrás de mais uma taça de vinho – já havia perdido a conta de quantas tomara – que tirasse o peso de seu peito e a deixasse respirar. Depois de alguns goles, encostou-se no balcão da pia, deixando que a superfície de pedra pressionasse contra sua lombar. Encarava o líquido escuro amargamente, como se fosse sua culpa por não conseguir fazê-la se divertir.

Perdida em pensamentos, assustou-se com o dedo que sentiu apertando as rugas em sua testa. Afastou seu rosto, inclinando-o para trás, alarmada, até perceber que era apenas Quentin, surpreendendo-a como sempre e insistindo em encostar nela. Relaxando, olhou-o através de seus cílios alongados pelo rímel e destacando seus olhos castanhos.

Quentin sorria, admirando a forma como o tecido azul envolvendo o corpo de Rose complementava sua pele morena e deixava-a ainda mais bonita. Ele estava um pouco atrasado, mas esperava que alguns elogios sinceros fossem abrandar uma possível irritação por parte de sua vizinha. O jovem tinha imaginado que ela nem teria percebido sua ausência, tendo tantas pessoas presentes; acabou percebendo que estava errado, pois o lábio de Rose saltava para fora num beijo teimoso e ela não parecia nem um pouco entretida pelos outros convidados.

“O que houve, meu bem? Por que essas rugas de preocupação?” perguntou calmamente, indo atrás de um copo nos armários de cozinha e servindo-se de vinho também, com a mesma garrafa de Rose.

“Não sei por que insisto nesses *eventos sociais*” disse ela, suspirando. “Só tem estranhos aqui, Quentin.”

“Pensei que gostasse dessas pessoas.”

“Talvez eu goste...quando estou completamente bêbada, no escuro de um bar, e não noto o quão insuportável cada uma delas é...” ela murmurou contra a borda de sua taça.

Quentin segurou sua risada.

“Entendo. Não se preocupe com elas, então. Podemos fazer a nossa própria festa; elas vão ser apenas os figurantes. Sombras sem rosto pra ocupar espaço, como nos filmes.”

Rose sorriu, comprando a ideia.

“Tão insignificantes que nem vão receber um cachê.”

“Isso mesmo.”

Os dois viraram suas bebidas, terminando-as de uma vez, e foram para a sala. Os móveis tinham sido empurrados para os cantos, restando um bom espaço no meio para as pessoas dançarem. Já tinham aumentado o volume das caixas e colocado músicas animadas para tocar, as quais reverberavam pelas paredes e eram absorvidas pelos corpos em movimento; jovens contorciam-se ao ritmo de uma batida eletrônica e Quentin puxava Rose para juntarem-se a eles.

A partir daí, as horas voaram.

Os dois dançaram juntos até que gotas de suor escorressem de suas testas e pescoços. Refrescaram-se com cubos de gelo, começando uma pequena guerra para ver quem conseguia por mais deles dentro da roupa do outro, gargalhando o tempo todo. Escondendo uma garrafa de tequila dos outros convidados sedentos por mais álcool, fecharam-se na sacada e tomaram alguns *shots* juntos, melecando-se com fatias de limão e punhados de sal. Mesmo estando mais quieto do lado de fora, os dois conversaram em tons baixos, quase sussurrados, trocando segredos, sonhos e seus maiores medos. Quentin parecia querer dizer algo e Rose estava aberta a ouvi-lo, incentivando-o a ser abrir; no entanto, antes que ele pudesse, uma das colegas de Rose chamou-a para voltar para a festa e o momento foi quebrado.

Resolveram, então, dar uma chance aos convidados e se misturaram a eles. A jovem apresentou seu novo vizinho às mulheres mais bonitas que estavam ali, agindo como uma boa amiga e elogiando-o para todas. A maioria admirava a beleza de Quentin descaradamente, flertando com o rapaz e encostando em seus cabelos negros, comentando como seus olhos eram azuis como o oceano e invadindo seu espaço pessoal. Parecia uma boa ideia, até que ele demonstrou estar muito desconfortável, checando o celular o tempo todo e obviamente não interessado. Rose puxou-o para longe, então, salvando-o de ter que rejeitar qualquer proposta, e não o apresentou a mais ninguém.

Mais tarde, os aperitivos e salgadinhos comprados para satisfazer todo mundo estavam quase acabando. A anfitriã reclamou que estava com fome e sugeriu a Quentin que atravessassem a rua e fossem comer numa barraquinha de cachorro quente que havia lá embaixo. Já ia atrás de sua bolsa e carteira quando o rapaz segurou seu braço, gentilmente, e disse que precisava ir embora. Puxou o celular do bolso mais uma vez para olhar a tela, quase nervoso, e pediu desculpas repetidamente, dizendo que tinha se divertido muito e adoraria sair com ela novamente.

Rose teve que literalmente empurrá-lo porta afora, tentando aplacar a culpa de seu novo amigo de deixá-la tão cedo, dizendo que *sim, ficarei bem e vá logo, criatura!*

Ele foi embora um pouco antes das dez e meia, a festa ainda em seu clímax, deixando um beijo na testa da jovem e acenando até sumir pela escada.

Algumas horas depois, o último convidado cambaleou até a porta, agradecendo à Rose por tudo, as palavras quase impossíveis de serem distinguidas, e foi embora. A jovem desmoronou em seu divã, felizmente livre de qualquer mancha suspeita, sem esquecer que precisava dar uma ajeitada naquela bagunça e ainda tomar um bom banho – o vestido estava arruinado e sua pele grudada pela cerveja derramada sobre ela.

Botando a maior parte do lixo em grandes sacos e limpando as sujeiras mais comprometedoras, deixou todo o resto de lado e preparou um banho quente para relaxar. No silêncio de seu banheiro, os olhos fechados e a cabeça inclinada na borda de sua banheira minúscula, ouviu passos vindos de cima – do apartamento de Quentin.

Uma lâmpada acendeu-se em sua cabeça. Estava exausta e merecia uma boa noite de sono, mas se seu vizinho estava acordado, por que não ir vê-lo? E por mais que sua decisão tenha sido, provavelmente, influenciada pelo álcool que ainda corria em suas veias, a mente de Rose jamais estivera mais clara. Ela terminou seu banho, enrolou-se em um roupão felpudo (os cabelos ainda presos no topo de sua cabeça) e resolveu surpreendê-lo, subindo pelas escadas de incêndio.

Quando alcançou a janela de seu quarto, o oposto acabou acontecendo; ela quem murmurou, de olhos arregalados e apenas para si, um fraco “surpresa!”. Quentin estava acordado, sim, deitado em sua cama e sorrindo largamente, como sempre. Os lençóis ao redor de sua cintura não escondiam seu torso nu, expondo sua postura confortável enquanto jogado contra os travesseiros e com o braço atrás da cabeça, completamente relaxado. Seus cabelos escuros, normalmente penteados para o lado, agora estavam uma bagunça, como se cada mecha quisesse seguir uma direção diferente; suas bochechas rosadas chamavam atenção para o quão corado ele estava, não só no rosto, mas também pelo pescoço e peito.

O que Rose não esperava ver era o outro homem no quarto.

Parado à porta do banheiro, ele parecia ter a mesma idade que Quentin, jovem e bonito. Com apenas uma cueca justa abraçando seu corpo, escovava os dentes e tentava falar ao mesmo tempo. O rapaz na cama ria, achando graça e tapando o rosto de vez em quando, como se embaraçado pelo outro. O mais gritante naquela situação era o olhar terno que os dois compartilhavam. Rose sentia-se uma intrusa num momento claramente íntimo.

Qualquer dúvida que tivesse sumiu quando o outro homem, adorável com seus cachos loiros, covinhas e pele bronzeada, foi à pia cuspir a espuma e enxaguar a boca, voltando quase que correndo para a cama e sentando no colo de Quentin. Mesmo de longe, ela sentiu o amor que trocavam através de beijos lentos e intensos, de carícias gentis por mãos que vagavam pelo corpo um do outro e dos toques mais leves de testa contra testa, nariz contra bochecha, lábios contra pescoços. Ela sentiu a dor nos olhos dos dois quando um alarme apitou e o rapaz loiro se levantou, pondo suas roupas e indo embora. Ela sentiu não como uma observadora, mas como uma entendedora.

Vendo o olhar desamparado de seu querido amigo sozinho, sua cama fria do outro lado, às quatro da manhã, não resistiu. Após alguns minutos esperando, empurrou o vidro da janela e pulou para dentro do quarto. O coração de Quentin quase saltou para fora do peito, tamanho o susto que levou com o vulto invadindo seu apartamento. Somente ao reconhecer as feições familiares de sua amiga que conseguiu voltar a respirar – com muito esforço.

“Rose! Você quase me matou!” exclamou, sem ar. A moça sorria sem pudor algum, apesar de haver algo diferente e significativo na curva de seus lábios, como um vestígio de simpatia que tentava esconder. Tirando isso, sua expressão assemelhava-se à de uma criança pega em flagrante.

“Você que disse que sei fazer uma bela entrada.”

O riso de Quentin foi interrompido subitamente, quando seus olhos se arregalaram e ele olhou para a porta de seu quarto, por onde o loiro havia saído, entrando em pânico.

“Há quanto tempo você subiu?” perguntou, nervoso.

Ela deu de ombros e andou pelo quarto, observando curiosamente as caixas jogadas pelo chão e os armários vazios. A única parte organizada do cômodo era a cama.

“O suficiente.” voltando-se para o amigo, a expressão de Rose era suave. “Não quis espionar, prometo. Ouvi passos lá debaixo e quis te ver. Não teria vindo se soubesse que não estavas sozinho.”

Ele olhava-a com cuidado, cauteloso com as palavras que vieram em seguida.

“Tudo bem por você?”

Rose revirou os olhos. “Quentin, qual é? A gente se conhece há pouco tempo, mas não sou dessas pessoas infelizes e amargas com o amor alheio.” pausa. “Quer dizer, sou sim. Mas não tem nada a ver com gênero, acredite.”

Sorrindo feito uma criança, ele deu uns tapinhas no espaço ao seu lado, convidando-a a se sentar. Fazendo careta, ela perguntou: “é seguro sentar aí? Você não está nem vestido!”

Após Quentin mostrar a calça do pijama que ele vestia, escondida pelos lençóis, e assegurar de que a “barra estava limpa”, Rose foi à cama e empoleirou-se ao lado dele, olhando as paredes vazias e as pilhas de livros num canto.

“Isso aqui está uma bagunça, sabia? Que decorador de merda que você tem.”

O rubor que dominou a face antes pálida de Quentin disse tudo.

“Eu sei que é ridículo, mas Charlie, meu namorado, realmente trabalha com decoração. Usamos essa desculpa normalmente por causa da família dele.”

“Um bando de velhos conservadores?”

“Basicamente, sim.” ele concordou, rindo.

“Por isso ele foi embora?”

Quentin apenas balançou a cabeça, tristemente.

“Ele não mora com os pais mais, mas eles vão almoçar juntos amanhã. Eles nem sabem quem eu sou! A gente namora há quase cinco anos, Rose.”

Enterrando o rosto nas mãos, o rapaz descontou sua frustração esfregando os olhos repetidamente e depois passando os dedos por entre os fios do cabelo, enquanto olhava para o teto como se procurando nele uma resposta para todos os seus problemas. Acompanhando seus movimentos frenéticos, sua amiga resolveu acalmá-lo; pegou uma de suas mãos e apertou-a com firmeza.

Ela entendia o quão difícil aquilo deveria ser para ele. Não só ter que esconder uma parte de si, o amor que ele estava sentindo tão intensa e puramente, mas também ver seu amado fingindo ser outra pessoa para sua família por tanto tempo e não poder fazer nada para ajudar, porque a culpa não era dele, nem de seu namorado.

“Quentin, querido, olha pra mim. Vocês vão ficar bem, eu prometo.” ela parecia confiante e segura, ainda que estivesse fazendo uma promessa frágil e que talvez não pudesse ser cumprida.

O jovem respirou fundo, assimilando as palavras da amiga e tentando aumentar, por causa delas, a pequena chama de esperança que sempre sentiu pulsar calor em seu peito e alma.

“Eu gostaria de dizer o mesmo pra você, Rose.” ele acabou falando. Confusa, ela franziu o cenho.

“O que quer dizer?”

“Acabei notando pelas nossas conversas que tem alguém no seu coração também. Ao menos um pouco, o que sobrou dele. Mas ele foi embora, não foi?”

Desiludida, o sorriso da moça parecia estar a um toque de desmoronar.

“Algo assim, sim.”

Ela não disse mais nada sobre o assunto. A festa tinha esgotado todas as suas energias, os últimos resquícios usados agora, com Quentin. Prestes a desmaiar de sono, ela deitou; acomodou-se entre os lençóis e apoiou a cabeça no colo do amigo, fechando os olhos e respirando fundo.

Não gostava de falar de seu coração partido; talvez por isso quisesse tanto ir embora. A cidade inteira, através de memórias escaldantes, insistia em falar com ela, lembrando-a de cada momento em que tinha um corpo quente com quem dividir a cama e uma alma companheira para trocar ideias profunda e triviais.

Quentin amenizava sua dor. Há quanto tempo não chamava alguém de amigo?

Um tempo se passou.

Antes de dormir, ele ouviu a jovem murmurar:

“Não vou mais fugir.”

Noventa dias depois – após 67 páginas escritas para o novo romance de Quentin, instalado em seu novo lar e mais uma vez inspirado; após Rose ter decidido que ia parar de guardar dinheiro para viajar e em vez disso iria começar a investir em cursos para trabalhar com composição e produção musical; após muita comida chinesa e *reality shows* no sofá de Quentin, às vezes com Charlie presente, às vezes não; e após este ser honesto com seus pais e se mudar para junto do namorado; após tudo isso –, Rose recebeu uma carta.

Algumas horas mais tarde, seu querido vizinho e amigo desceu as escadas de incêndio, atraído pelo canto emocionado da moça. Sentada na janela, com as pernas penduradas para fora, ela dedilhava em seu violão, a melodia triste mas esperançosa.

“Rose, está tudo bem?”

Ela tinha melhorado nos últimos tempos. A solidão que a assombrava, a sensação de abandono que tanto lhe perseguia, tinha diminuído com o tempo; mas parecia estar de volta. Apenas um pouco, na profundidade de seu olhar. A jovem olhou para Quentin, mas não pareceu enxergá-lo. De repente, arrancada de seu estupor, piscou várias vezes. Puxou um envelope de dentro do bolso do jeans e entregou ao rapaz, como se o que estivesse ali dentro fosse se bastar. E bastou.

Quentin acabou lendo em voz alta cada palavra da carta:

“Querida Rose,

Onde estou não há internet, mas queria te avisar que estou voltando para casa.

Quero te ver. Não sei se você me odeia por eu ter ido embora, me arrependo todos os dias, acredite, mas preciso tentar. Você é, sempre foi e sempre será, meu lar. Não quero mais te deixar.

Sonho todas as noites com as músicas que você cantava pra mim. Sonho com sua voz, seu cheiro. Choro, às vezes.

Prometo ligar quando chegar.

Para sempre sua,

Emma”

Ao devolver a carta, ele percebeu que Rose sorria, enquanto lágrimas escorriam por seu rosto. Ele sorriu de volta. Os dois ficariam bem.

M. Gruber

À deriva

Em uma fria tarde de primavera, quase ninguém foi à Praia das Gaivotas, no litoral de Santa Catarina. Sentado na areia, à beira do mar, havia apenas um garoto. Logo completaria dezoito anos, mas, encolhendo-se com os braços ao redor dos joelhos e puxando as mangas do casaco para cobrir as mãos, parecia uma criança.

Ele se considerava um espírito solitário; gostava de ficar sozinho. Sentia o vento gelado em seu rosto, a areia envolvendo seus pés e o cheiro de sal invadindo as narinas como se, ao perceber cada textura, ele pudesse fundir-se a elas, quem sabe até deixar de existir, entregar-se à natureza.

As lágrimas que tinham escorrido por suas bochechas já estavam secas, sendo seus olhos inchados e nariz vermelho os únicos indícios de que havia chorado. Ele odiava brigar com sua mãe; nem sabe há quanto tempo tinha batido a porta de casa com força e fugido para a praia, mas já era o suficiente para ter esquecido o motivo da discussão. Normalmente era algo muito bobo, trivial.

Uma rajada forte de vento arrepiou sua espinha, eriçando os pelos de seus braços e pernas. Ele nem entendia por que sua família insistia em vir para essa praia todos os anos. Era sempre a mesma história: todo feriado de novembro, alugavam a cabana mais distante possível dos turistas normais, quase ao fim da faixa de areia, e o garoto era obrigado a passar longos dias ali, com apenas caranguejos tímidos e muito tédio como companhia – além de seus pais.

Ele não via graça nesse lugar. Estava muito frio e ele provavelmente só voltaria para casa ao anoitecer, na hora da novela – quando sua mãe estivesse mais decepcionada e preocupada com os personagens em tela do que com ele. No entanto, até lá, morreria de fome. Seu estômago roncava fazia tempo, sem ser abafado pelo som das ondas quebrando-se e das gaivotas que o sobrevoavam.

O Sol começava a descer, o calor em suas costas diminuindo aos poucos e sendo substituído por mais frio, frio, frio. O céu à sua frente escurecia, o mar ia ficando sombrio. Seu corpo começou a tremer e ele disse a si que era por causa da temperatura; como se o medo que aos poucos ia tomando conta dele não fosse real. Afinal, do que ele teria medo? Não havia mais ninguém ali.

Assim que o pensamento brotou em sua mente numa tentativa fraca de confortá-lo, ele sentiu outro arrepio. Mas estava sendo ridículo; não era a primeira vez que ficava pela praia à noite e nunca algo ruim tinha-lhe acontecido.

Fechou os olhos e inspirou fundo. Expirou.

A fome estava aumentando cada vez mais, *talvez seja melhor eu voltar agora* –
“Você não está com frio?”

A voz veio por trás, sobressaltando o garoto e acelerando seu coração. Antes que pudesse virar na direção do som, um corpo jogou-se ao seu lado na areia, demasiadamente próximo para o padrão confortável entre dois estranhos. O garoto faria dezoito anos em alguns meses, mas o berro que soltou foi similar ao de uma criança aterrorizada. Afastando-se da figura, encarou-a.

Sabia quem ele era. Não lembrava seu nome, sempre preferiu chamá-lo de Esquisito – ao menos dentro de sua cabeça –, mas não foi difícil reconhecê-lo; não pelos traços sem graça de sua aparência, e sim pelo brilho travesso em seus olhos. O infeliz sorria para o garoto como se tivesse ganhado a reação que esperava dele.

“O que você está fazendo aqui?” perguntou hesitante. “Como me achou, aliás?”

Esquisito passou a mão pelo pouco de cabelo escuro que cobria seu couro cabeludo e murmurou baixo; parecia estar pensando no que responder. O garoto não duvidaria que ele estivesse inventando alguma mentira.

Mesmo assim, por algum motivo, seu medo diminuiu. Isso não era bom; por mais que conhecesse Esquisito, pois moravam na mesma cidade, este não era um amigo próximo, nem ao menos um colega. Ele simplesmente aparecia às vezes, perseguindo o garoto até sua escola e tentando fazer amizade. Sempre foi inofensivo; o outro só ficava na dele e esperava até que ele fosse embora eventualmente.

Ou seja, abaixar a guarda perto dele não deveria ser uma opção; principalmente se ele o tivesse seguido por centenas de quilômetros até o litoral, como uma obsessão da qual não conseguisse se livrar, perseguindo-o por todos os cantos do mundo.

“Vim com minha família pra cá pra passar o feriado também. Pensei que você, uh, soubesse.”

“Ah, é? Apenas uma coincidência, então?”

O outro riu baixinho enquanto uma sombra pareceu cruzar seu rosto, escurecendo seus olhos azuis. Sua expressão ficou estranha, como se guardasse um segredo por entre os lábios curvados em um sorriso quase triste.

“Eu diria que te encontrar por aqui, sozinho na praia, não tem nada a ver com o acaso.”

A frase sinistra reverberou em sua cabeça, fazendo-o questionar por que ainda não estava correndo para o mais longe possível dele, de preferência na direção de multidões e possíveis testemunhas.

Olhando em volta, viu que estavam completamente a sós; até mesmo o Sol já quase sumia atrás de montanhas, deixando o rosto moreno de Esquisito ainda mais sombrio. Uma rajada de vento cortante fez com que sentisse o frio infiltrando-se pelos buracos de seu casaco de lã. Ele devia ter ido embora antes.

“Toma.”

Um casaco foi estendido em sua direção. O tecido vermelho era quente e confortável demais para que o garoto não o vestisse. Ao passar os braços por cada manga, notou os olhos de Esquisito fixos nele. Ajeitou-se, sem fechar o zíper, mas cobrindo-se bem; o moletom coube perfeitamente em seu corpo. Não mais com frio, agradeceu ao outro. Esquisito não disse nada, apenas arrumou o capuz, que estava levemente torto, seus dedos roçando a nuca do garoto.

Ele engoliu em seco. Para se distrair, puxou uma parte do casaco para perto do nariz e fungou discretamente. Por algum motivo, a peça de roupa parecia-lhe familiar.

“É sua?”, perguntou. Não obteve resposta.

Ficaram em silêncio.

“Por que você veio pra praia sozinho? A essa hora.”, Esquisito reatou.

O garoto deu de ombros. Nem importava mais o motivo; também não sabia se queria voltar ou não.

“Pode ser perigoso por aqui, Gabe.”

Ele olhou feio para Esquisito. “Não me chama assim.”

“Por quê?”, ele perguntou, confuso.

“Parece Gabi, tipo, de Gabriela.”

“Você nunca reclamou antes.”

“Só meus amigos podem usar esse apelido.”, ele explicou; quase se arrependendo do tom seco quando Esquisito retraiu-se, um olhar de mágoa cruzando sua expressão. Não que o garoto se importasse com ele, ele só não gostava de ser cruel com os outros.

“Vou tentar parar, então.”

“Obrigado.”

A Lua cheia nascia no horizonte, levemente vermelha e muito brilhante. Mesmo com uma camada extra protegendo-o, o garoto voltou a sentir frio. O ar estava gelado, o vento sendo puxado pela pressão em direção ao oceano, fazendo seus dentes baterem.

Esgueirando um olhar para o lado, viu que Esquisito mantinha uma expressão neutra, observando as ondas, e não parecia estar congelando – mesmo que só estivesse com um moletom felpudo por cima de uma camiseta de algodão; a qual notara pela gola branca e fina saltando para fora do tecido que a cobria. Seus olhos detiveram-se no pouco de clavícula exposta pela roupa, subindo pelo pescoço até alcançar o rosto de Esquisito, o qual agora o encarava de volta, com o cenho franzido.

“O quê?”, o garoto perguntou, nervoso.

O outro sacudiu a cabeça, frustrado, e se ajeitou no lugar, mudando de posição para que pudesse esticar o braço e envolver o jovem, puxando-o pelo ombro para encostar-se nele. Ele ficou tenso.

“O que você está fazendo?”

“Tentando te aquecer, o que você acha?”

Levantando-se subitamente, o garoto deu alguns passos para longe.

“Acho melhor eu ir embora. Nós, ah, nos vemos por aí. Ou não.”

Dando as costas para o outro sentado, olhou em volta e percebeu que estava perdido; não lembrava o caminho de volta para a cabana.

Ouvindo movimento atrás de si; Esquisito caminhou até ele, segurou sua mão e disse: “venha comigo.”

Puxando-a de volta, cada vez mais assustado, o garoto sacudiu a cabeça.

“N-não vou a lugar a-algum com você.”

“Você está com medo de mim?”

O outro parecia ter medo da resposta, dando um passo para perto dele, o garoto dando um para trás.

Ele forçou um sorriso. “N-não, não. É que, ah, a minha mãe deve estar preocupada, já.”

Não querendo ficar mais nem um segundo ali, virou-se e saiu correndo o mais rápido que podia. A adrenalina do medo ajudou-o a ganhar uma boa vantagem, mas ele conseguia ouvir os passos apressados de Esquisito logo atrás dele.

Ouviu-o gritando “Espera!” algumas vezes; todas ignoradas.

Subiu até as ruas de lajotas que se entrelaçavam e terminavam à beira da praia. Seus pés doíam sobre a superfície áspera enquanto ele procurava por um portão familiar, por um carro cinza parado em frente a casa, qualquer coisa que pudesse servir de referência.

Depois de um tempo sem conseguir encontrar a casa onde seus pais deviam estar, começou a cansar. Estava sem fôlego, inclinado para frente e apoiando as mãos nos joelhos, quando Esquisito o alcançou.

“Você não tem ideia de onde você tá, não é?” Falou, próximo ao ouvido do garoto, a mão baixa em suas costas.

“Me deixa em paz!”

“Gabe...”

“Não me chama assim, porra!” O garoto levantou-se, tentando impor-se sobre o outro apesar de ser quase da mesma altura, apenas um pouco mais baixo.

“Gabe, relaxa.” Sua voz era firme.

Desistindo, ele abaixou a cabeça devagar. Continuou respirando rapidamente, tentando se recuperar da corrida. Sentia a mão do outro em suas costas ainda.

“Eu te levo pra casa.”

Ele concordou com um aceno breve, sem dizer nada. Os dois caminharam lentamente em direção ao fim da praia, onde ela terminava em rochas, montanhas e, antes que as árvores tomassem conta, uma pequena cabana.

Ao se aproximarem, o garoto percebeu algo.

“Como você sabia onde era?”

Esquisito olhou-o pensativo, como se considerando o que dizer. Parou de andar e segurou seu pulso para que parasse também. Quando enfiou a mão no bolso de trás da calça jeans que vestia, o garoto entrou em pânico. Pensou nas piores possibilidades do que poderia estar ali e acabou fugindo novamente, dessa vez para a segurança de sua casa.

Trancando a porta atrás de si, gritou por seus pais, correndo pelos cômodos à sua procura. Não houve resposta; deviam ter saído para jantar fora. Foi até o estreito corredor entre a sala e a porta de entrada, onde uma mesinha alta de madeira guardava o telefone fixo. No entanto, antes que pudesse ligar para alguém – seu pai, mãe ou até a polícia – ouviu o som de uma chave seguido pelo da maçaneta girando na porta da frente. Rezou para que fosse sua família, mas o nó em seu estômago dizia-lhe que eles estavam bem longe dali, por mais que fossem os únicos além dele que tivessem uma cópia da chave.

Paralisado no lugar, ainda com o telefone em mãos, não quis acreditar quando Esquisito adentrou a cabana, determinação no olhar enquanto procurava pelo garoto. Avistou-o ao fim do corredor e alcançou-o em alguns passos largos, apoiando as mãos contra a parede e prendendo-o ali; fazendo-o se sentir um animal encurralado.

Soltando o telefone e devolvendo-o à base, o jovem segurou o olhar concentrado do outro, ainda que seu coração estivesse acelerado e ele amedrontado. Esquisito moveu-se devagar e tirou algo do bolso, sem remover os olhos do garoto. Entregou o objeto a ele.

Era um papel; nele, havia a letra familiar do garoto mesmo em uma única frase rabiscada. Então, como se milhares de peças de um quebra-cabeça caíssem sobre ele e fossem se encaixando, tudo começou a fazer sentido.

“Meu pai se casou com sua mãe. Moramos juntos, Gabe.”

Balançando a cabeça, meio tonto com o turbilhão de lembranças que o envolvia e o desnor-teava, ele apenas concordou.

“Somos amigos, sim.” Esquisito continuou.

Agora o garoto lembrava-se muito bem dele; não tudo, mas o suficiente para fazê-lo dar um sorriso torto. As memórias haviam retornado com força, como em todas as outras vezes.

“Amigos?” Perguntou maliciosamente.

“É, por aí.” Esquisito devolveu-lhe o mesmo sorriso, os olhos com o brilho travesso de sempre. Suas mãos ainda o prendiam contra a parede.

O medo que o havia dominado dissipou-se. Não havia mais motivo para temer o jovem à sua frente; não quando já sabia de todos os seus segredos, até mesmo os mais obscuros que se escondiam nos cantos de sua mente, e até que gostava dele mesmo assim.

Puxou-o subitamente para um abraço apertado, tentando segurar as lágrimas de frustração. Odiava não ter controle sobre si e esquecer-se de *Esquisito*, caramba, nem mesmo seu nome conseguia lembrar. Ele se tornava um completo estranho para o garoto, um perseguidor obcecado. O extremo oposto de quem ele realmente era.

Enquanto sentia as mãos firmes dele em suas costas, mil camadas de tecido as separando de sua pele quente, notou algo.

“Em que mês estamos?”

“Junho. Por quê?”

Rindo fracamente, o garoto deixou algumas gotas escaparem de seus olhos.

“Pensei que fosse novembro.”

As mãos que o apertavam pausaram por um instante, antes de retomarem seus movimentos reconfortantes.

“Não tem problema, Gabe.”

O garoto não disse nada; era óbvio que estava sendo rígido demais consigo.

“Ei, quer comer algo? Você nem almoçou hoje.”

Claro que não, e claro que eu esqueci esse detalhe também.

“Quero.”

Mais tarde, depois de terem tomado um banho quente e comido juntos, eles se retiraram para o quarto que dividiam. Seus pais só voltariam à meia noite para casa, quando o filme a que tinham ido assistir acabasse, então os dois tinham o lugar só pra eles.

Deitaram-se e ficaram conversando baixinho. Mesmo depois de um choque de lembranças, ainda havia alguns furos em sua memória – ele não sabia há quanto tempo conhecia o outro, nem mesmo a data de seu aniversário. Normalmente isso irritava-o infinitamente, mas naquele momento, ele estava cansado. Era exaustivo ter que ficar em uma constante busca pelas migalhas de informações que escapavam dele para juntá-las em algo que fizesse sentido; tudo isso para acabarem perdendo-se mais uma vez depois.

Ao menos ele reconhecia o jovem ao seu lado na maioria das vezes. Numa emergência, como a dessa vez, havia o papel amassado gravado com sua letra horrível que sempre funcionava como gatilho para sua memória. Enquanto isso desse certo, eles ficariam bem.

Os dois acabaram dormindo cedo essa noite, o garoto perdendo a luta contra o sono antes que sua mãe voltasse para casa com seu pai. Ele queria pedir desculpas a ela pela discussão, agora viva em sua mente. Um sentimento venenoso de culpa tomou conta dele, impedindo-o de relaxar, até que braços envolveram-no em um abraço forte e um corpo aconchegou-se atrás do seu, ajudando-o a respirar melhor.

O garoto adormeceu logo depois, sorrindo.

No dia seguinte, ele acordou com o ruído de pingos de chuva caindo sobre o telhado da cabana e no vidro da janela. Um vento gelado entrava pela porta do quarto, completamente aberta, mas ele estava seguro debaixo dos cobertores quentes da cama.

Engraçado, estava frio demais para uma manhã de novembro.

M. Gruber

Entre quatro paredes

“Eu não deveria ter trancado a porta” ecoou pelo quarto escuro. Um breve pensamento que escapou por entre os lábios dela, em meio a seus devaneios noturnos.

Todos os dias, ela mantinha uma rotina depois de anos de prática já impregnada em seu âmago. Jamais abria as janelas. As venezianas permaneciam cerradas, enquanto encharcava as cortinas, lençóis e tapetes com produtos fortes que espantavam até mesmo os bons espíritos. Ar fresco não circulava pelos quartos e corredores; mofo crescia pelos cantos e o odor ficava cada vez mais nauseante, sufocando qualquer coerência em seus pensamentos mais triviais. Ao anoitecer, inspecionava embaixo da cama, no fundo das gavetas e dentro do vaso sanitário. Os ralos dos banheiros e da cozinha estavam fechados, os rodapés lacrados com borracha. Nada passava despercebido por seus olhos – nenhum movimento, mancha ou som – e estava sempre em alerta, tentando prever alguma falha em sua muralha cuidadosamente construída protegendo seu ninho íntimo, seu corpo, mente e alma.

Apesar de todos os seus temores, ela acreditava que seus esforços contínuos valiam a pena. Cada tijolo que havia sido posto ao seu redor e a afastava de seus medos impedia que estes entrassem; não havia passagem. No entanto, a pobre alma cuidou tanto para isolar-se de tudo e todos que, quando um buraco foi cavado e a alcançaram, não havia para onde fugir. Encurralada em seu próprio lar, ela vivenciou ambos os lados do gatilho de uma arma e sobreviveu o suficiente para contar a história, mas não conseguia superá-la.

A verdade é que ela realmente não deveria ter trancado a porta.

Cansada de um longo dia atarefado, ela recolheu-se em seu quarto, despindo-se e vestindo em seguida um pijama limpo sobre seu corpo suado – não tinha forças nem vontade de banhar-se. Queria apenas se enfiar embaixo dos lençóis e ler um pouco até que o sono falasse mais alto. No entanto, por mais que tentasse se concentrar nas palavras a sua frente, continuava atenta aos sons que vinham de fora ou movimentos e sombras que captava com o canto do olho e eram, na verdade, somente frutos de sua imaginação fértil. Ficou inquieta. Havia algo de diferente no ar essa noite; uma atmosfera eletrizante. Sentia que uma linha estava sendo esticada até atingir sua tensão máxima – e estourar.

“Louca”, iriam dizer dela, se a vissem nesse momento. *Mas é...não é?*

Sacudindo as vozes que começavam a gritar em sua cabeça, ignorou seus receios e continuou a leitura.

Aos poucos, relaxou. Sua respiração se acalmou. Não havia mais nenhum barulho ou sombra assustadora e a história que lia havia conseguido fisgar sua atenção.

De repente:

Um zumbido grave e forte cortou o ar em sua direção, perturbando os finos fios de cabelo que adornavam sua orelha.

Pânico. Pânico. Pânico.

Com os instintos tomando conta, ela jogou os lençóis para longe, pulando da cama e indo sem hesitar até a porta. A saída. Talvez ela estivesse apenas tendo uma de suas alucinações e, quando chegasse ao outro lado, tudo desapareceria, trazendo clareza à sua mente assustada. Quase tombando contra a madeira da porta, virou a maçaneta desesperadamente, evitando olhar na direção da cama, de onde ouvira o ruído. Suas mãos estavam suando rapidamente e seu controle no material de aço ia diminuindo.

Demorou pra ela perceber que a porta estava trancada. A chave estava levemente para fora da fechadura e, com tantos tremores percorrendo seus membros, ela não conseguia encaixá-la. Enquanto isso, o pânico só aumentava.

Tomada por uma súbita curiosidade, virou a cabeça lentamente, os olhos procurando pela origem do barulho, o que quer que *aquilo* fosse. Ela não tinha certeza se queria mesmo saber, mas não parou. Não voltou a focar na fechadura, na sua única chance. Continuou em sua busca, os olhos se arregalando de pavor ao ver um vulto enorme rastejando sobre o chão. Arrependeu-se na hora.

Voltou a tentar abrir a porta, agora com ainda mais angústia. O zumbido parecia ecoar em sua mente. A chave não virava. *Não há como escapar, não há como escapar.*

Lágrimas escorriam por entre seus cílios molhados, as pálpebras cobrindo tudo em escuridão, tentando fazê-la esquecer do momento, do que era real. Parecia sentir pequenas patas subindo por suas pernas, por dentro do pijama. Eram muito mais do que apenas uma, assustadoramente reais e perceptíveis por causa do rastro de arrepios que deixavam em sua pele, eriçando os pelos por onde passavam. Ela quis vomitar, quase sentindo na língua o sabor da bile que ameaçava subir por sua garganta; quis arrancar sua pele e queimá-la até não sobrar qualquer vestígio do toque asqueroso que sentia em seu corpo, tornando-se apenas carne, ossos e nervos pulsando desprotegidos e prontos para serem devorados. Ela quis muito, mas nada fez. Ficou parada, esperando, se perguntando:

É o fim?

M. Gruber

Paris

Era uma sexta-feira, final de 1997. O sol esquentava o asfalto e cimento das cidades grandes, retendo calor para depois soprá-lo contra os rostos cansados de seus transeuntes. Homens e mulheres enxugavam desesperadamente o rosto das gotas de suor que escorriam de suas testas, agarrando-se à ilusão de perfeição inumana que lhes era exigida por seus chefes. Alguns comentavam sobre as notícias do jornal daquela manhã, ou não tão recentes (“*Você viu que aquela empresa de minérios foi leiloada?*” “*A Vale do Rio Doce? Ah! Isso foi em maio, seu tapado!*”), enquanto outros reclamavam do atual presidente, FHC; a maioria ficava em silêncio, exaustão tomando conta de seus corpos, mal podendo esperar para chegar ao conforto de seus lares.

Em uma casa distante do aglomerado urbano que crescia cada vez mais, um Gol “bolinha” manobrava para fora de sua garagem, contendo quatro pessoas: Dona Laura, a motorista, mãe, filha e esposa, além de advogada competente e fã intensa de Madonna; sua filha mais nova, cujas feições angelicais desfaziam-se quando ela chorava e implorava por um videogame caro demais para a família conseguir pagar; e seus dois pais, avós da garota, que normalmente só acordavam para resmungar. O quinto assento teria sido ocupado pelo primogênito Lucas, jovem esperto de dezessete anos, que observava com animação da janela de seu quarto enquanto o carro desaparecia, ao fazer a curva no fim da rua – *finalmente*. Depois de horas tentando apressar sua irmã a terminar sua mala e seus avós a, *por favor*, acordarem, eles tinham ido embora. Ele tinha a casa inteira para si.

Ao menos durante esse final de semana, ele seria *livre*. Com a mãe, a irmã e os avós no interior do estado, visitando alguns tios, e seu pai em terras estrangeiras cuidando de negócios, essa era a sua oportunidade para sair à noite com uma identidade falsa e se divertir com suas amigas sem ter horário para voltar ou ter que esgueirar-se para dentro de casa esperando que seus pais não tivessem notado sua ausência. Seu coração estava acelerado, antecipando a madrugada frenética que estava por vir; ele estaria rodeado de corpos dançando ao ritmo de músicas pulsantes, graves e agudos misturando-se aos fortes odores de suor, perfume e bebidas alcoólicas.

*“It burned like fire
This burning desire”*

Ligando o rádio no volume máximo e deixando a voz de Bono reverberar pelas paredes de seu pequeno quarto no segundo andar, Lucas começou a despir-se. Ainda tinha muitas horas para ficar pronto até que a boate abrisse, mas conhecia-se e sabia que dessa vez iria demorar.

Lavou o cabelo e esfregou uma esponja ensaboada meticulosamente sobre todo seu corpo, até mesmo entre os dedos dos pés, atrás da orelha e dentro do umbigo. Manuseando uma lâmina com cuidado, raspou os pelos de ambas as pernas, coxas inclusive, das axilas e da invisível penugem sobre sua mandíbula e queixo. Cortou-se apenas uma vez, na região do joelho, por causa da pele mole, apenas, e não porque se

distraía frequentemente com as músicas que conseguia ouvir mesmo longe de seu quarto; claro que não.

*“You know I believe it
But I still haven't found
What I'm looking for”*

Sua voz ecoava pela acústica do banheiro, doce e afinada, enquanto ele se secava. Após escovar os dentes minuciosamente – para não restar vestígios da pizza de queijo que havia sobrado da noite anterior e ele não resistiu comer de almoço –, e dar uma ajeitada nos fios curtos e rebeldes de seu cabelo, voltou ao quarto com a toalha ao redor da cintura e com os quadris se contorcendo ao som da música seguinte.

Irradiava dentro de si uma eletricidade excitante, fazendo-o dançar em cima da cama, rodopiando a toalha sobre sua cabeça, deslizar pelo piso de madeira e começar a rir após tropeçar logo depois. Até criou coragem e colou o pôster de Boyz II Men na porta do armário, homenageando-os com uma serenata sincera quando I'll Make Love To You começou a tocar. Sabia que iria ter que guardá-lo novamente mais tarde, assim como o da Madonna e o do Rocky Horror, deixando seu quarto sem graça de paredes brancas e colchas azuis ser salvo apenas pelo cartaz do show da Legião Urbana, o qual sua família não iria questionar ou achar estranho. Mesmo assim, expor suas verdadeiras paixões por um dia sequer já valeria a pena.

*“For tonight is just your night
We're gonna celebrate, all through the night”*

Vestiu a calcinha de renda que havia comprado alguns dias antes – usando o cartão de débito que havia ganhado de aniversário e rezando para que sua mãe não encontrasse quando insistisse em ajeitar seu quarto. Deslizou o tecido por suas pernas nuas de pelos, agora mais expostas a um possível frio, e deixou o elástico apertar-lhe os quadris. Sentiu-se diferente. Ao olhar-se no espelho comprido junto à parede viu seu mesmo corpo de sempre: baixo, magro, desprovido de muitos músculos e com a região abaixo da pélvis e até metade das coxas ligeiramente mais pálida do que o resto. Mas havia algo fora do usual agora; a renda vermelho-sangue contrastava com sua pele branca, brilhando com a mesma cor da gota que escorrera de seu joelho e o fez sibilar de dor enquanto tomava banho. Era linda. Ele era lindo.

Sentia-se sexy enquanto virava a cintura de um lado para o outro, procurando ângulos diferentes para se admirar. Acabou soltando uma risadinha quando imaginou o que seus colegas da escola iriam dizer se o vissem naquele momento. Seus amigos mais próximos poderiam ficar surpresos – ou nem um pouco, na verdade –, mas jamais carregariam em seus olhos algum tipo de julgamento. Já os outros... não quis mais pensar nisso. A opinião deles não importava e jamais iria fazer diferença em sua vida. Como garoto, ele tinha esse direito de experimentar, de explorar. Como jovem, ele podia ousar sem culpa. Por mais tímido que demonstrasse ser para os outros, conhecia a si. Amava seu corpo e era seguro disso, de sua identidade. No entanto, isso não quer dizer que iria-se conformar com as normas ditadas pela sociedade como absolutas. Era

um garoto com um nome ordinário mas gostos “incomuns”, pois ouvia pop, admirava flores, adoraria deixar seu cabelo crescer (se sua mãe deixasse) e não se importaria de usar rosa; achava todas as cores muito bonitas e não tinha vergonha disso. Mesmo assim, era um garoto e nada iria mudar isso.

*“And I wanna thank you for helping me see
There's a power that lives deep inside of me”*

Afastando os fios mais compridos de sua testa com uma tiara de plástico roubada de sua mãe, percebeu que devia começar a apressar seus preparativos se quisesse ficar pronto a tempo. Tirando uma frasqueira de debaixo da cama, colocou-a sobre seu criado-mudo e o arrastou até o grande espelho, trazendo junto um pequeno banco de madeira e sentando-se de frente para seu reflexo. Admirou por um momento suas feições naturais; seus olhos redondos e azuis cerúleos, delineados por uma fina camada de cílios, da mesma cor de suas sobrancelhas grossas – ele era uma pura contradição. Sua mandíbula chamava a atenção por ser bem definida enquanto suas maçãs do rosto, agora vermelhas pelo esforço de dançar e pular, suavizavam sua expressão. Seus lábios, finos e rosados, moviam-se junto com a voz de Aretha Franklin, cantando apaixonadamente sobre orgulho (*Pride and love (pride is) oh respect for yourself*) e a maciez de sua pele era interrompida pelas rugas no canto de seus olhos, de tanto que sorria.

Lucas seguiu passo a passo o que havia aprendido com os conselhos de um amigo seu mais experiente. Tirou tubos e frascos da frasqueira e começou primeiro a colar os fios das sobrancelhas, depois a entupir seu rosto com diferentes produtos, deixando sua pele mais feminina e delicada. Eram muitos nomes para sua cabeça: corretivos, bases, pó translúcido, pancake; tudo para cobrir sua face com uma textura macia e aveludada. O garoto ia acompanhando os resultados pelo espelho e seu peito ia-se enchendo de exaltação, como um balão de ar a ponto de explodir. Aos poucos, sua aparência ia-se transformando plenamente e ele já começava a incorporar a personagem a quem sempre quis dar a vida.

De pinceladas a toques leves com uma esponja, seu rosto maquiado foi delineando-se. Frustrou-se ao ter que repetir o desenho de sua sobrancelha infinitas vezes, até que conseguiu traçá-la, fina e arqueada, como se desafiasse quem lhe dirigisse o olhar a segurá-lo por mais tempo. Esfumando as pálpebras e passando sombra, delineador e rímel, seus olhos tornaram-se poderosos e ferozes, fazendo-o se sentir não mais como Lucas, e sim como Paris Lynn.

Aproximou-se ainda mais do espelho para contornar os lábios com um lápis e depois cobri-los com batom, aplicando cílios falsos em seguida. Por ser sua primeira vez se montando, Paris ficou surpresa ao se olhar no espelho e perceber o quão linda estava ficando. Perdeu alguns momentos admirando sua imagem, sem se arrepender do atraso que isso iria causar.

*“It's the (pride) power that gives you
The (pride) strength to survive”*

As pontas de seus dedos começaram a formigar. Em poucas horas, se tudo desse certo, estaria em um de seus lugares favoritos de todo o mundo, rindo e perdendo o controle aos poucos na companhia de duas amigas e outros mil estranhos. Estranhos que não piscariam duas vezes ao vê-la passar por eles, pois estavam acostumados, aceitavam

todo mundo. A expectativa de experimentar o prazer sem culpa era como a de encontrar água em um deserto; ela mal podia esperar para provar e se deliciar.

Ainda vestida com apenas a calcinha, Paris levantou-se e foi atrás da roupa que havia comprado, sem que seus pais soubessem também, e tinha escondido em uma caixa de sapatos embaixo da cama, junto com a peruca que pretendia usar e um perfume cujo frasco lilás e odor doce deixaria qualquer um desconfiado. Ao abaixar-se para alcançar a caixa de papelão, Paris avistou um tecido escuro jogado junto à beira da cama, mas ainda protegido de quem olhasse de fora pelas colchas que se estendiam até o chão. Ela reconheceu-o na hora. Agarrando ambos os itens, sentou-se junto à cabeceira e, depositando a caixa ao seu lado, trouxe a camiseta para perto de seu rosto. Respirou fundo, o algodão contra seu nariz, na esperança de perceber algum resquício do cheiro de seu antigo dono. Paris adorava vestir essa blusa, mesmo sendo alguns números maiores do que ela e estando gasta de tanto ser usada. Ela nem ao menos gostava da estampa – o sorriso amarelo e estranho, com uma linguinha para fora que, sinceramente, era ridícula – daquela banda Nirvana. Mas, mesmo assim, cuidava dela com o carinho que todo pijama confortável merece.

Percebendo que o único cheiro exalando da camiseta era o de sabão e um pouco de pó por ter sido esquecida embaixo da cama, deixou-a de lado e levantou-se para por sua roupa. Primeiro, a meia-calça arrastão preta, deslizando-a por suas pernas até a cintura. Em seguida, o sutiã de renda, vermelho como a calcinha; não muito grande, de um tamanho confortável, preenchido com duas meias pesando com algodão. Apalpando seus seios improvisados, eles pareciam estar no lugar certo – nada torto ou caído.

Depois, a parte mais difícil. O vestido era um preto básico de alcinha, curto e justo contra seu corpo; talvez justo até demais. Com muita dificuldade, Paris conseguiu passar os ombros e os braços nos buracos certos e fazê-lo descer até um pouco antes da metade das coxas. No entanto, o zíper dourado ficava no topo das costas; fechá-lo seria uma missão impossível.

Após muitas tentativas, e algumas gotas de suor começando a incomodá-la, ela conseguiu levantá-lo até o pescoço. Seu braço doía pelo esforço, mas uns momentos de descanso na frente do ventilador foram suficientes para que ela se sentisse recuperada novamente.

A frustração ao pensar que não conseguiria fechá-lo foi a pior parte, remoendo sua confiança. Ela quase falhou ao fechar um simples zíper; e se isso for um sinal de que algo estava errado? E se ela tivesse cometido algum erro terrível na maquiagem e só fosse perceber quando chegasse à boate e todos comessem a rir dela? De repente, tudo pareceu um erro. Ela não devia ter aceitado o desafio de montar-se sozinha. Ela tinha uma amiga que também iria sair essa noite, além de uma amiga drag queen que também tinha que se montar. Por que ser teimosa e insistir em fazê-lo completamente sozinha? Ainda mais que era sua primeira vez. Paris começou a ficar nervosa, o batimento do coração desesperado em seu peito. Respirando fundo, foi até o rádio e trocou de estação, em busca de uma música que lhe desse segurança. A voz melodiosa de Madonna encheu seus ouvidos; ela reconhecia a música.

*“Life is a mystery
Everyone must stand alone”*

Começando a mexer os quadris ao ritmo de Like a Prayer, uma nova onda de alegria e excitação tomou conta de seu corpo. Com a energia renovada, passou o desodorante e perfume e pendurou uma corrente dourada ao redor do pescoço, o pingente brilhando contra seu decote. Botou alguns anéis também, antes de voltar à

caixa e pegar a peruca. Era rosa bebê, os fios descendo somente até os ombros. Prendê-la não foi fácil. Ela já sabia mais ou menos como fazer, mas lutou para conseguir fixá-la bem, usando uma toca, grampos e fitas isolantes.

Enquanto terminava de ajeitá-la, seu olhar acabou pousando no reflexo da camiseta escura sobre sua cama. A que pertencia a Gabriel, seu amigo da escola. Essa não era a hora para pensar nele, definitivamente não, mas Paris não resistiu e seus pensamentos foram nessa direção. O garoto era o extremo oposto dela: gostava das bandas de rock atuais, como Pink Floyd, Nirvana e Capital Inicial; era mais desleixado, tinha o cabelo comprido e só reclamava – seja da escola, dos pais ou do presidente. Mesmo assim, de alguma forma, tinha virado seu amigo. Os dois eram íntimos o suficiente para Gabriel permitir-se chorar em seu ombro e deixar-se ser confortado após a morte dos membros do grupo Mamonas Assassinas – eles nunca falaram sobre isso.

Gabriel sabia de Paris também. Sabia que Lucas iria montar-se e assumir uma personalidade completamente diferente, feminina. Ele não estaria junto, mas como Paris poderia esquecer-se do momento em que seu amigo soltou uma risadinha e disse: “Que doideira. Tira uma foto pra mim, sempre achei que ficaria sexy num vestido.”

Ela sentiu suas bochechas rosarem apenas com a lembrança desse momento. Olhando-se no espelho, viu que estava vestida. Só faltavam os sapatos. Tirou-os de outra caixa, essa em seu armário, e calçou-os com relutância. Não era a primeira vez que os usava – afinal, teve que treinar bastante antes – e sabia como a dor iria tomar conta após algumas horas. O salto era comprido e a cor combinava com seu cabelo. Andando pelo piso de linóleo de seu quarto, conseguiu desfilar sem muito esforço. Amava a maneira como os saltos empinavam sua bunda e deixavam-na ainda mais roliça.

Checando o relógio, decidiu que ainda tinha tempo para comer uma maçã antes de ir – a fome devorando o interior de seu estômago. Comeu sem pressa, balançando a cabeça com as músicas que tocavam sequencialmente. A tarde passou rápido, a noite estava voando. Estava na hora de ir.

*“But I have to be sure
When I walk out that door
Oh, how I want to be free, baby”*

Pegando sua bolsinha no gancho atrás de sua porta, seu celular e as chaves do carro de seu pai, foi interceptada no caminho para a garagem por uma buzina bizarra, mas familiar. Ela foi à entrada da casa abriu a porta da frente com os olhos arregalados, não acreditando no que via. O Chevrolet de sua amiga Tiffany, um ano mais velha e já com carteira, estava parado no meio fio, enquanto a drag em questão sorria largamente para ela como se dissesse: “Surpresa!”

Correndo em sua direção, após trancar a porta de casa, Paris ainda estava em choque.

“O que vocês estão fazendo aqui?” Sua outra amiga Vanessa estava no banco do passageiro, a expressão tão animada quanto a da motorista. Ambas estavam bem arrumadas e maquiadas. Lindas.

“Sua boba, realmente pensou que íamos deixar você dirigir o carro de seu pai sem ter nem 18 nem carteira?”

Paris não conseguia falar. Tinha que manter o máximo de controle possível, pois já sentia seus olhos quererem encher-se de lágrimas. Sacudindo a cabeça como se não acreditasse, pulou no banco de trás e inclinou-se para frente, beijando as bochechas das amigas.

“Obrigada! Quase morri de nervos.”

Vanessa apertou sua mão enquanto Tiffany ligou o carro e seguiu pela rua.

Junto com elas, Paris iria-se sentir muito menos assustada. Ela sabia que a chegada seria muito melhor com suas parceiras ao seu lado, garantindo sua confiança e que nada de ruim iria acontecer a ela. Além de que seria muito mais divertido. Quando elas chegassem à boate tão famosa e conhecida entre a comunidade LGBT, Nostromundo, e passassem direto pela porta, fá-lo-iam como modelos. Talvez jogassem uma piscadela para as pessoas na fila que iriam assobiar ou lhes oferecer elogios, talvez não.

Ao final da noite, Paris estaria com os pés exaustos de tanto dançar, o vestido fedendo à cerveja que tinham derrubado nela e a maquiagem toda borrada. Ela sorriria com os lábios vermelhos e inchados de tanto beijar e jamais esqueceria cada momento da noite em que conseguiu ser Paris Lynn. Antes de dormir, ela ficaria balbuciando a letra de uma música que não sairia de sua cabeça no dia seguinte:

*“I don't believe that anybody
Feels the way I do about you now”*

M. Gruber

À noite

Na primeira vez que Matias acordou com suas costas grudentas, apenas estranhou. Fez pouco caso, tomou banho e fingiu que nada havia acontecido. Era um jovem descontraído, dificilmente abalado pelas comoções da vida.

Na segunda vez não foi diferente.

Na terceira, ele achou melhor investigar.

Percebeu que em todas as manhãs de quinta-feira ele acordava de bruços, com algo nojento colando os lençóis em sua pele. Normalmente bastante suado.

Cada vez mais confuso e preocupado com a situação, procurou por vazamentos nos canos do teto, por mofo no colchão e ratos nos vãos dos cômodos. A verdade é que seu apartamento apertado era antigo e mal cuidado – mas barato –, então poderia ser qualquer coisa e ele não ficaria surpreso. Ainda sim, ele ficou indubitavelmente perplexo quando descobriu (mais ou menos) o que era.

Numa madrugada de quinta-feira como outra qualquer, após ter tirado uma soneca pesada na tarde anterior, Matias dormia com um sono leve. Suas pálpebras tremeram com uma movimentação em seu quarto, sua respiração desregulando por um momento, mas o jovem não acordou.

Até que foi arrancado de seus sonhos por uma sensação quente invadindo seu corpo. De bruços com o rosto entre os braços, soltou um guincho agudo quando sentiu uma língua lambendo seu cu e penetrando-o. Sabia que havia ido dormir com o pijama comprido de sempre, porém agora percebia que suas pernas estavam completamente nuas.

Com o coração acelerado, ele tentou se mexer, virar de costas, chutar a pessoa que o molestava – nada funcionou. Havia uma força contra sua nuca que o impedia de levantar o pescoço e as mãos que afastavam suas nádegas mantinham-no preso contra o colchão, assim como os joelhos apertando suas coxas.

Matias começou a sentir seu sangue descer para o pau, enrijecendo-o contra os lençóis contra sua vontade. As mãos agora apertavam sua bunda com uma força que deixaria marcas e a língua percorria aquela região sensível como estivesse morrendo de fome e esta fosse seu belo banquete. Segurando as lágrimas de terror, o jovem pedia para que a pessoa parasse. Nada adiantou. Subitamente, sentiu uma onda de energias que pulsava do corpo da pessoa acalmando-o. A respiração errática foi relaxando, até que ele começou a perceber o prazer que estava sentindo. Começou a gemer baixinho. Como se o tivesse escutado, o corpo sobre o seu aumentou a intensidade de seu toque, lambendo mais, enfiando a língua mais fundo e buscando mais reações de Matias. Este voltou a respirar mais rápido, agora por outro motivo. Com os olhos fechados com força para não pensar no que estava acontecendo, o jovem gemia cada vez mais alto, chegando a soluçar por causa do turbilhão de sensações. Contorcia-se na cama, procurando esfregar ao máximo seu pau nos lençóis para criar algum tipo de fricção. Sentiu seu clímax se aproximando aos poucos. Gemia desesperado, implorando por

mais, mais, mais...até que gozou, arfando de alívio enquanto a língua continuava implacável.

Exausto, Matias registrou vagamente que foi vestido em sua calça de pijama novamente e uma brisa gelada agora vinha da janela. Isto era peculiar, pois ele lembrava-se de tê-la fechado antes de se deitar. Cansado demais para se importar, acabou caindo no sono assim que seu coração voltou a bater normalmente.

Quando acordou, jurou que havia tido o sonho mais estranho possível. Desde então, passou a trancar sua porta e janela do quarto.

Apesar de seus esforços, Matias continuou acordando com as costas grudentas. Durante a noite, quando o silêncio pairava sobre seu apartamento e ele esperava pela chegada do sono, o jovem permitia-se admitir que talvez aquele seu sonho tivesse sido mais real do que ele gostaria e aquilo em suas costas era provavelmente o esperma de algum doente que o assediava, sabe-se lá como.

E algo mudou naquela noite. Agora, nas quintas de manhã, o gozo às vezes escorria por entre suas pernas e sua bunda estava dolorida – ele nem conseguiu sentar direito por uns dias quando isso aconteceu pela primeira vez. Matias tinha medo de comentar isso com alguém e o acharem louco, tentarem interná-lo em um hospício. Ele também nem saberia como explicar, pois mal entendia o que estava acontecendo. Ele morava no décimo primeira andar (de um prédio cujo elevador só funcionava raramente) e agora havia posto cadeado e correntes em ambas a janela e porta. Não havia possibilidade de alguém invadir seu cômodo e, mesmo assim, esse homem – Matias havia deduzido após relacionar o abuso com o gozo em suas costas – conseguia.

Resolveu que tentaria ao menos descobrir quem ele era.

Assim que a seguinte quarta à noite se aproximou, ele escondeu um pequeno espelho embaixo de seu travesseiro e foi dormir cedo, para que conseguisse acordar de madrugada. Despertou com a sensação de outro corpo pesando sobre seu colchão; ainda que distante, já havia uma força sobre Matias que o impedia de se mexer. O jovem fingiu que dormia enquanto sentiu ficar nu da cintura para baixo, segurando um suspiro desolador quando ouviu a roupa bater no chão.

Com as mãos já embaixo do travesseiro, segurando o espelho com firmeza, começou a se mover lentamente para libertá-las, lutando contra a força que o paralisava. Sentia mãos e dedos explorando sua bunda e entrando em seu cu. Doía um pouco, mas seu pau já reagia e endurecia, preso entre sua pélvis e a cama. Ficou quieto e mordeu o lábio para que não ronronasse de prazer ao sentir lábios pressionando um beijo na base de sua espinha e dedos ágeis abrindo-o devagar. Lentamente, foi levantando a mão com o espelho e tentando direcioná-lo na direção do intruso. Distraiu-se algumas vezes com a sensação de algo forçando sua entrada e fazendo-o querer se encolher. Tentou relaxar enquanto era penetrado, pois sabia que assim doeria menos. Assim que sentiu os quadris do homem pressionando suas nádegas, arfou de alívio e voltou sua atenção para o espelho. O homem estava parado, esperando que Matias se ajustasse ao redor de seu pau, então era a oportunidade perfeita para flagrá-lo.

O jovem foi novamente surpreendido.

O objeto estava na direção certa e havia luz o suficiente que vinha das frestas da janela para enxergar alguém. No entanto, não havia reflexo algum.

A bunda de Matias aparecia, empinada para cima, e o restante do quarto estava à sua volta. Somente isso. Não havia um homem com cara suja e sorriso diabólico querendo um corpo fácil para chamar de “putinha”. Ele viu, no entanto, uma mancha escura na parede aos fundos. Como uma sombra. A sombra *dele*. *Daquilo*.

Com a conclusão disso, veio a primeira estocada. Agora paralisado pelo choque, Matias mal sentiu algo enquanto o corpo (ou o que quer que fosse) em cima do seu fodia-o com força. Gemia instintiva e inconscientemente, até que gozou intocado mais uma vez e desmaiou.

A partir de então, Matias acostumou-se com os assédios. Como ele iria conseguir fugir de uma assombração, de algo sobrenatural? Dizia para si que não era tão ruim, afinal, ele sempre obtinha algum tipo de prazer nessas “visitas”. Com o tempo, começou a acreditar em suas afirmações relutantes até que ganharam firmeza. As quintas-feiras tornaram-se o dia de acordar no meio da noite com um pau metendo em seu cu ou, de manhã, com gozo escorrendo de dentro dele e ele ainda duro, como se estimulá-lo sem deixá-lo ter um orgasmo fosse a lembrança deixada daquela criatura para ele.

Ele percebeu que seu visitante parecia preferir quando ele continuava dormindo, deixando ser fodido sem reagir, completamente maleável e vulnerável em sua cama. Esse pensamento deixava-o enjoado. Aos poucos, começou a ter nojo de si também, que sempre pedia por mais, mais rápido, com mais força, e deixava que o homem gozasse dentro dele como se fossem amantes, e não estuprador e vítima, completos estranhos. Masturbava-se nos outros dias, relembrando as fодas passadas, esperando ansiosamente pelas próximas. Tornou-se obcecado como se para proteger-se da degradação que aquilo lhe causava.

Queria romantizar, comparou seu visitante com Peter Pan. Imaginava alguém de sua idade que vinha lhe mostrar algo novo, uma aventura, iriam voar pelos céus. Fechava os olhos e sorria, até que a escuridão da noite trazia-lhe de volta à realidade. Às vezes, ele gemia e chamava-o de *Peter, Peter, por favor*. A força que se impunha sobre seu corpo durante as visitas só podia ser mágica, ou algo parecido – Matias não acreditava, porém não via outra explicação. Peter Pan era mágico também, não? Mas o que mais o fazia lembrar-se do desenho animado era a sombra. Sempre presente, sempre pairando nos fundos, repetindo os movimentos invisíveis da criatura sobre seu corpo.

Matias quase entrou em colapso quando seu Peter Pan parou de aparecer. Certa noite deixou para trás uma pena vermelha ao sair e não voltou mais para visitá-lo. O jovem superou aos poucos. Mudou-se para outro lugar, fez novas amizades e nunca conversou sobre isso com ninguém. Fez terapia durante muitos anos, com vários profissionais, mas nenhum deles conseguia fazê-lo se abrir e contar o que havia

acontecido para traumatizá-lo com o toque de outros. Supunham que devia ter sido um abuso. Eles supunham muitas coisas.

M. Gruber

A rainha e o ogro

Quero ouvir uma história feliz, eu pedia todas as noites. Minha mãe sorria sempre e sentava na beira da cama.

Era uma vez, ela dizia. Sempre o mesmo começo, a mesma história.

Era uma vez uma rainha que vivia em uma caverna escura, no alto de uma montanha. Nascera uma camponesa e crescera em uma pequena vila no meio da floresta, até que, um dia, um ogro horrível a atacou. Ele destruiu muitas casas e roubou galinhas e ovelhas; como troféu, levou a pobre moça e fez dela sua esposa e rainha com uma coroa de ramos secos. Ela tinha que cozinhar, limpar e lavar para ele, sempre mantendo a cabeça baixa e submissa.

Por anos, ela aguentou seu destino; até que descobriu que estava esperando um bebê desse monstro horrível. Ela conseguiu esconder sua gravidez vestindo roupas largas e dizendo que estava engordando, no entanto, quando a menina nasceu, o ogro começou a sentir seu cheiro. Com medo do risco que sua filha correria constantemente na caverna, resolveu pedir ajuda. Todas as noites acendia uma fogueira e via a fumaça subir por entre as nuvens, porém, ninguém veio resgatá-la; ela teria fugir sozinha. A rainha estava cada vez mais fraca, tendo que cuidar da criança e despistar o marido, mas juntou os resquícios de energia que lhe restavam para criar um sonífero com algumas ervas; despejou-o na taça de vinho do ogro antes de servir seu jantar e esperou. Foi o suficiente para fazê-lo cair em um sono profundo e permitir que a mulher pudesse amarrar seus pulsos e tornozelos gordos em um nó só.

Suando frio e temendo que ele acordasse a qualquer momento, a rainha fez uma trouxa com comida, roupas quentes e um pouco de ouro e partiu com o saco nas costas e a filha nos braços. Quando alcançou o pé da montanha, ouviu o bradar grotesco do marido, que tentava se libertar. Ainda zozzo pelas ervas, engatinhou até à beira da montanha, à procura de sua esposa. Avistou-a e, no impulso, acabou perdendo o equilíbrio e caindo lá de cima.

A rainha continuou andando, sem virar para trás. Apenas sorriu ao ouvir os ossos se quebrando.

“Com o ogro morto, a rainha pôde viver em paz. Encontrou uma nova vila para morar e criou sua filha com muito amor. As duas viveram felizes para sempre.”

“Mas, mamãe.”, eu dizia sempre que ela chegava ao fim. “Que conto mais triste. A rainha sofreu tanto.”

Deitada em minha pequena cama, com apenas o pescoço e a cabeça para fora das cobertas quentinhas, eu não entendia porque ela considerava essa história feliz. Eu era muito nova para juntar as peças.

“O que importa, meu amor, é que agora ela está bem. E não poderia estar mais feliz com sua princesinha.”

Ela então beijava minha testa e saía.

Certo dia, ela parou na porta quando me viu franzindo o cenho.

“O que foi, querida?”

“Eu não gostei desse ogro. Ele me lembra papai.”

Ela sorriu.

“Não se preocupe, filha. Ele não irá mais nos incomodar.”

Apagou as luzes e saiu.

M. Gruber

O casal

Disseram que a curiosidade poderia ser perigosa.

Eu concordei, na época; já havia metido meu nariz onde não deveria incontáveis vezes, quase sempre acabando com ele quebrado. Sempre fui uma pessoa observadora, inventando segredos e buscando mistérios nos indivíduos mais aleatórios e enfadonhos que existiam. Era assim que eu me divertia.

Principalmente quando conheci o casal do apartamento 503.

Na verdade, jamais cheguei a falar com eles; nem precisei para entendê-los. Sua mera existência fisgou minha atenção no momento em que me mudei para o edifício residencial antigo de Nova Iorque, nossas janelas uma de frente para a outra. Vi-os quietos em seu lar, ambos muito bonitos e imóveis como se posassem para uma pintura. Não pareciam reais. Olhando para trás agora, ainda não sei se algum dia o foram.

Eu gostava de dizer que eles que me haviam encontrado, não o contrário.

Aluguei o apartamento anos depois de eles já estarem morando lá, mas era como se meus dois vizinhos estivessem esperando por mim. Eu sentava no parapeito da janela da sala, as luzes apagadas e a cortina que me escondia sendo a única decoração de meu cômodo quase vazio – salvo por um sofá velho e rasgado que já estava ali quando cheguei –, e observava-os. A mulher e o homem, não importava o dia, estariam na mesma posição, estáticos e soturnos.

Como estátuas, mesclavam-se ao cenário. Havia à esquerda da sala uma poltrona vermelha para o homem, este sempre acompanhado de seu jornal; uma mesa redonda e a porta de entrada de madeira ao centro separavam o casal; no canto direito, a mulher acomodava-se na banquetta do piano de armário escuro, sempre de costas para o marido e dedilhando nas teclas ociosamente. A parede ao fundo era amarela; algumas pinturas estavam penduradas nela, irreconhecíveis por causa da distância. Tudo existia com muita harmonia ali; as cores quentes complementando-se, nenhum objeto fora de lugar. Nunca.

Ele sempre vestia uma calça social, camisa de botões, um colete e uma gravata. Ela preferia um vestido longo, vermelho como sangue. Aparentemente, estavam sempre impecáveis. Fosse o cabelo curto do homem penteado para trás com uma quantidade exagerada de gel ou os fios de cabelo compridos da mulher presos em um coque baixo, o casal emanava elegância.

Depois das primeiras semanas sem conseguir desgrudar os olhos da janela quando estava em casa, eu resolvi que precisava descobrir mais sobre os dois. Com o tempo, percebi que outros moradores compartilhavam a mesma curiosidade. Rumores se espalhavam pelos diferentes andares, um “ouvi dizer” aqui, um “me disseram que” ali. Eu não sabia no que acreditar, mas balançava a cabeça, como se concordasse com tudo.

Bobby do 301 contou uma vez no saguão de entrada que o homem era austro-húngaro e a mulher, inglesa; tinham-se conhecido durante a Grande Guerra e se apaixonado, apesar de suas nações serem inimigas. Eram jovens estúpidos; depois de

um tempo o amor acabou e agora não conseguiam livrar-se um do outro. Já Tina do 104, que morava ali há mais tempo, dizia para todos o que *realmente* tinha acontecido. Após flagrar o filho adolescente deles com outro garoto na cama, o marido havia-o impedido de continuar seus estudos, apesar de ser um prodígio, para ser internado em um hospital psiquiátrico. A esposa, desde então, nunca o perdoou por isso. Ainda mais porque, logo depois, o garoto entrou em depressão e acabou falecendo nas mãos dos médicos. Supostamente, é claro. Carmen do 402 achava tudo isso uma grande mentira, pura infâmia por parte da vizinha fofoqueira; o casal era feliz como qualquer outro. Às vezes o homem aparecia com uma prostituta quando sua mulher não estava por perto, mas que família tradicional era perfeita?

Eu confesso que nunca vi nada disso através da janela pela qual avistava-os. Eles mal interagiam um com o outro; não discutiam, não brigavam, não se encostavam. Às vezes, eu via seus lábios mexerem-se suavemente, como se conversassem em tom de sussurros. Eu sempre quis entender o que diziam, esforçava-me para ler as palavras em suas bocas, sem ter sucesso. Penso que a loucura quase tomou conta de mim nesses meses de lucubrações.

Até que, certa noite, eu senti que algo ia acontecer.

Voltei para casa mais cedo do que o normal e empoleirei-me em meu cantinho de sempre, no parapeito da janela. A vista à minha frente era apenas o concreto cinza do mesmo edifício em que eu morava, colunas grossas emoldurando a janela de meus vizinhos misteriosos. Eles já estavam lá; sentados em seus lugares, acomodados em seu doce, doce lar. Vestiam a mesma roupa formal dos outros dias, parados na posição de costume. Ele virou a página do jornal, ela balançou a cabeça ao ritmo do que dedilhava no piano; a previsibilidade de todos aqueles meses.

Eu sei que se eu tivesse piscado, teria perdido. Os lábios do homem mexeram-se brevemente. Meu coração acelerou. Lentamente, a mulher levantou-se. Caminhou para fora de minha visão e sumiu. Comecei a criar expectativas, pois isso era incomum. Raro. Com certeza algo especial e que deveria ser apreciado. Quando ela voltou, trazia em mãos um copo largo de vidro, um líquido escuro preenchendo-o até a metade. Ela entregou-o ao homem e voltou para seu lugar na banquetta do piano. Voltei minha atenção para ele; o jornal agora posto sobre a mesa redonda, o marido bebericou sem pressa, seu olhar vago e distraído.

Aguardei. E agora?

Agarrei-me ao tecido frágil de minha cortina, apertando-a com força, quase a arrancando do teto. Meus olhos chegaram a perder o foco, vidrados na cena à minha frente. Havia tensão em meus ombros. Eu conseguia sentir o suor frio descendo da nuca ao pescoço para ser absorvido pela roupa que vestia. Eu não sabia o que fazer, então não fiz nada.

Aguardei.

Não tive que esperar muito tempo. Após alguns minutos, um movimento brusco fez com que eu voltasse a focar na sala antes serena de meus vizinhos, mais precisamente no homem que começou a tossir sangue e lacrimejar. Ele apertava o peito

com as mãos, como se não conseguisse respirar. Acompanhei tudo com o olhar arregalado. Meu corpo, petrificado.

A mulher continuou ao piano, sem virar para trás. Suas mãos não pararam de apertar as teclas e seus lábios mexiam-se; ela parecia estar cantarolando com a melodia. Enquanto isso, seu marido caía no chão e eu só via sua mão grossa e espasmódica tentando firmar-se no braço da poltrona, coberta com seu próprio sangue. Ela parou de se mover logo depois, juntando-se ao corpo no piso além de minha visão.

Eu estava em choque.

Talvez, mais tarde, eu tenha visto uma manchete num jornal sobre um assassinato sem culpado em Nova Iorque. Talvez tenha parado, comprado o jornal e lido a notícia que dizia que a vítima havia sido envenenada, mas não encontraram suspeitos. Talvez eu tenha sonhado com isso tudo.

A verdade é que, independente das mil especulações dos vizinhos acerca do misterioso casal e minha certeza de que meus vislumbres deles pela janela causaram um impacto irreversível em minha vida; a verdade é que a curiosidade matou o gato.

M. Gruber

A ponte

Para minha Emília

Tudo ao seu redor parecia flutuar.

De olhos fechados, ela ouvia claramente as ondas quebrando-se nas rochas; essas se erguiam pelo penhasco, contornado sua fenda por onde desaguava um estreito rio de águas profundas. Além do mar, havia o farfalhar das folhas e dos galhos secos das árvores que cobriam as montanhas atrás de si. Parada no meio da ponte em cima do rio, o material firme de madeira e metal sustentando-a seguramente, ela sentia-se suspensão no ar junto a ela, a centenas de metros de distância do chão.

O sol nascia à sua frente, ainda uma pequena bola vermelha ameaçando surgir no horizonte, o céu clareando aos poucos. A brisa em seu rosto era gelada, fazendo-a se encolher de frio. Quase se arrependia de estar vestindo apenas um pijama curto cuja malha fina pouco esquentava e um moletom grande por cima; mas sabia que precisava disso. Ela almejava por todas as sensações que iam tomando conta de seu corpo. Os tremores em seus membros, os pelos eriçados e as pontas dos dedos que estavam congelando contra a madeira da ponte, onde se apoiava. Ouvia e sentia, enxergando a vista que a rodeava sem olhar para nada.

Tinha chovido na noite anterior. Ela percebera ao subir pela trilha que a levava até ali e sentia seus efeitos naquele momento, por meio do cheiro de terra molhada, da madeira úmida nas palmas das mãos e do distante gotejar das copas encharcadas, a água pingando até o chão, onde seria absorvida. As nuvens agora já tinham se dispersado, abrindo espaço para um céu límpido e que prometia a todos sob seu teto um belo dia.

Clara não acreditava nisso. Há muito tempo que ela parou de confiar nas promessas dos outros, até mesmo nas de um azul sincero pairando sobre si, porque quem diria que este também mentia; também enganava e desapontava, esvaziando seu copo meio cheio e sugando de seu corpo qualquer resquício de expectativas. Dela restava agora somente a dor e sua memória. Enquanto os anos foram desgastando a mulher, como um fogo que ia perdendo aos poucos o que o alimentava, essas duas foram companheiras constantes em todos os momentos; sempre entrelaçadas. A dor vinha nas lembranças de olhares trocados, o verde fundindo-se ao vermelho, a malícia que eles carregavam; vinha no toque que uma vez sentira, frágil e quase não existindo, como um sussurro que a atormentava no silêncio da noite; vinha no calor que a envolveu quando mãos cobriram as suas por baixo de cobertores e lábios pressionaram contra sua bochecha, o hálito forte de um *whisky* roubado sufocando-a e deixando-a zozna. Ela se apegava à vaga memória de tudo isso que uma vez fora real e agora parecia um segredo que guardava sozinha; era a única que não tinha esquecido.

Ao longe, ouviu passos. Abriu os olhos, arregalando-os. Não tinha visto mais ninguém ao longo da trilha, nem em seu início, a quilômetros de distância, mas não teve medo. Clara reconhecia o olhar quase felino que a encarava à beira do penhasco, subindo na ponte e caminhando em sua direção. Permaneceu parada, controlando sua respiração e batimento cardíaco, tentando manter a calma. Não devia estar surpresa, afinal, Emília iria vir; ela sempre vinha.

E continuava a mesma. Seus cabelos negros caíam sobre seus ombros, brilhosos e macios como seda, emoldurando seu rosto. Este estava pálido agora, mas Clara sabia que poderia enrubescer bastante se ela ficasse irritada ou risse demais. Não havia nada de recatado ou modesto nos seus traços em geral. Quase numa contradição, sua postura era ativa, e sua pose relaxada. Havia presença em seu espírito, força que a intimidava e fazia-a querer se esconder e, ao mesmo tempo, desejar tê-la ao seu lado para sempre.

Clara sabia que esse desejo era perigoso. Por isso que ela estava ali, afinal, não aceitaria mais fugir dele e nem arriscaria ceder a seus encantos. Pela primeira vez em toda sua vida, iria tomar uma atitude e acabar com sua tormenta. No entanto, sua determinação não prometia uma luta fácil, sem resistência, e ela preferia assim. Ela aceitava a realidade do que teria que enfrentar, o sangue que talvez fosse derramar para conquistar seu direito de ser livre. Sem mais correntes, sem mais Emília.

Pegando um cigarro e isqueiro do bolso de seu casaco, voltou seus olhos para o oceano à sua frente e acompanhou com os ouvidos a aproximação da jovem. Cada passo parecia reverberar-se pelas tábuas de madeira da ponte, o salto alto dela criando um som forte e seco. Ela alcançou a mulher quando esta já havia dado uma longa tragada e soltado a fumaça devagar, observando-a sumir no ar. O cheiro familiar de erva-doce misturado com sabonete de lavanda envolveu Clara, braços fortes ao seu redor fazendo o mesmo logo depois. Lábios próximos do lóbulo de sua orelha, ela mais sentiu as vibrações da voz de Emília do que a ouviu.

“Clara, quanto tempo.” As mãos em sua cintura desciam até seus quadris e passeavam pela sua barriga, esgueirando-se por baixo dos tecidos vestidos pela mulher para sentir sua pele quente. Seu tom suave era forçado, como se imitasse outra pessoa. “E aí? Como vai a vida?” Continuou, sua entonação beirando o desdém. “Eu casei! Quem diria, hein?”

Emília não só estava imitando outra pessoa, como também a citando. *Ela* havia falado isso; as palavras eram reais e Clara teve que engoli-las enquanto queimavam sua garganta e faziam seus olhos arderem.

“Para.” Pediu, frágil.

“Estou tão feliz...Completamente apaixonada. Estamos até pensando em adotar!”

Não aguentando mais, a mulher afundou a cabeça em seus braços, arrancando os outros enroscados nela. Começou a chorar, não ligando que o cigarro fora arrancado de suas mãos – estas tremiam demais. Soluçava, mal conseguindo respirar. Lágrimas caíam na madeira em que se apoiava, umedecendo-a ainda mais do que a chuva o havia feito, e seu nariz começava a escorrer. Ficaram um tempo assim, sem dizer nada. Ao levantar os olhos, viu que a jovem havia se encostado no corrimão também, mas de costas para ele.

Como Emília conseguia apertar os botões mais dolorosos nela e continuar tão indiferente? *Você é patética*, seu olhar dizia. Ela fumava no lugar de Clara e sua expressão era de julgamento. Abafando a raiva que sentiu borbulhar em seu íntimo, pois tal sentimento não a levaria a lugar algum, a mulher encarou-a com os olhos vermelhos.

“*Ela* não fuma.”

“Foda-se, não sou ela.”

“Eu sei.” Agora estava mais calma.

“Sabe?”

“Sim, vocês sempre foram muito diferentes.”

Emília abaixou a cabeça, jogando o cigarro no chão e pisando-o distraidamente, e tentou esconder um pequeno sorriso, sem ser discreta o bastante. Clara espelhou o gesto, pois entendia o que aquilo significava. Emília sempre viveu à sombra *dela*, tentando substituí-la de alguma maneira. Era errado, ambas sabiam disso; mesmo assim, fingiram por muito tempo. E sob a ilusão de um amor que nunca existiu, foram quase felizes.

A jovem parada contra a lateral da ponte parecia pensativa, algumas mechas negras esvoaçando à brisa, cobrindo seus olhos. Clara gostava do leve contraste entre as duas; seu cabelo era loiro e comprido, seus lábios eram finos, a cor de seus olhos era como mel e, por mais que fossem da mesma altura, ela sempre pareceu ser mais baixa por causa de sua postura encolhida e meio torta. De um jeito ou de outro, combinavam. Ela gostava de sentir o corpo de Emília contra o seu durante a noite, seus dedos acariciando seu rosto, seu braço, e fazendo movimentos circulares em suas costas – era reconfortante, ainda que o calor de sua presença nunca fosse suficiente.

Em vez de se sentir culpada por usar a jovem como uma desculpa para não se sentir solitária, Clara nutria um ressentimento amargo para com ela. Porque sua presença fazia-a lembrar que, na verdade, ela era fraca demais para estar sozinha. Se não fosse, não precisaria de Emília para aliviar sua solidão. O fato de ela continuar aparecendo na porta de sua casa quando ela mais precisava não era uma coincidência; a jovem só surgia pois era chamada. E isso só acontecia porque Clara não era capaz de dormir em sua cama, vazia senão por ela, sem chorar até sentir-se murcha, apodrecendo debaixo dos cobertores.

Essa dependência já vinha durando anos. Todas as noites, Emília aparecia, trazendo seu sorriso malicioso e sua vontade de tocá-la, de cravar os dentes em sua carne e marcá-la com suas verdades. Conheciam-se há muito tempo, viam as maiores fraquezas e medos umas nas outras; ela sussurrava cada um dos pesadelos de Clara em sua pele, queimando-a sem piedade. Estava sempre decepcionada com algo; com a ausência da mulher no enterro de seus pais, com a perda de seu emprego por não ter sido eficiente, com sua atitude depressiva que afastou seus amigos mais próximos e, é claro, com seu fracasso em conquistar suas paixões, principalmente *ela*.

Emília era a dor e lembrança ao mesmo tempo, hipnotizando-a com seus olhos verdes e intensos, querendo torturá-la até a morte. Era, no entanto, uma agonia doce, pela qual Clara ansiava, como uma droga da qual não conseguia ficar sóbria. Ela era a ambrosia e o veneno. Essa mistura não era saudável, e jamais seria. Queria livrar-se de *dela*; e por isso estava ali.

Levantando-se, suas costas nem conseguiam ficar retas – os ombros já tinham sido derrubados através dos anos. Emília era bem mais jovem em comparação; com seu olhar arregalado, simulando uma inocência ausente ali, parecia a mesma garota que ela conhecera tantos anos atrás. Clara empurrou uma mecha negra da jovem para trás de sua orelha.

“Por que você fugiu?” Emília perguntou, aproximando-se novamente, o rosto inclinando-se com o toque da mulher. Esta evitou olhá-la nos olhos.

“Eu não fugi. Não dessa vez.”

“Então o que estamos fazendo aqui?” Sua voz era gentil, sua expressão confusa.

A verdade era que Clara não tinha escolhido esse lugar. Ela só acabara ali. Tentou por seus pensamentos confusos em palavras.

“Quando encontrei *ela*, alguns dias atrás, e tivemos essa conversa horrível – como você já sabe –, eu percebi algo.”

“O quê?” Emília insistiu, após uma pausa longa de Clara.

“A culpa nunca foi dela.”

A jovem enrijeceu.

“Como assim?”

“Ela nunca me amou, nem poderia se tentasse. E tá tudo bem. Se eu tivesse guardado as memórias que fizemos juntas, eu e ela, como algo bom e que me trouxe um pouco de excitação na época, eu teria superado depois. Teria entendido.”

“Mas?”

“Mas...me agarrei nesse,” ela pausou, procurando pelo termo certo. “Nessa fantasia dela, do que eu achava que ela era, e foi aí que errei. Sabe, porque todo mundo tem um amor não correspondido. O normal é seguir em frente.”

“O que você não fez.”

“Do que eu teria seguido em frente? De alguém que nunca se importou comigo como eu me importei com ela? Eu fiz isso, Emília. E foi fácil.”

“Não estou entendendo, então.”

“O problema nunca foi ela. Foi você. Por causa de você, eu acabei me conformando com essa fantasia, continuei desejando ela. Afinal, sempre que eu quisesse, você iria satisfazer ela pra mim! Se eu chamasse, você viria correndo!”

“Eu queria que você fosse feliz, Clara!” A jovem começava a se irritar. “Você sabe disso! Todos esses anos, eu fui a única que quis isso pra você. Fui a única que *agentei* você.”

“Você não tinha escolha. Sem mim, você não existe.”

“E sem mim, você não vive. Não de verdade.”

“É, talvez não. Não agora que já estou velha, sem dinheiro, sem amigos. Não faço mais nada com minha vida, só fico tendo pena de mim mesma. E você é pior que heroína, crack, que qualquer outra droga. Então sim, talvez eu precise de você agora. Pra viver. Mas quem disse que eu quero viver assim?”

Emília pareceu entender aonde ela queria chegar. Estreitou os olhos, encarando Clara com firmeza e frieza.

“Você não teria coragem.”

“Por que você acha que eu vim aqui?”

Lágrimas escorriam do rosto da mulher, pois estava chegando a hora de agir.

“Clara, não faça isso.” Ela falou, lentamente.

“Eu sei que você se importa comigo, de um jeito que a Emília de verdade, a real, nunca conseguiu fazer. Mas o que temos também não é amor; e nunca foi. Você é parte de mim...e eu não sei se algum dia, qualquer pedaço meu conseguiu me amar. Ainda mais porque você surgiu, a parte que mais odeio. Eu te odeio, Emília. E, se o único jeito de eu conseguir me livrar de você pra sempre é assim, então que seja.”

Tirando o moletom e o pijama – o maço de cigarros e o isqueiro escapando do bolso – Clara ficou nua. O sol continuava distante, rente ao horizonte, como se não houvesse passado mais de alguns minutos desde a chegada da jovem. O calor que emanava dele era fraco, não impedindo que o frio infiltrasse-se em cada poro do corpo de Clara, roubando a cor de suas bochechas, roxeando sua pele. Tudo doía.

Subindo na lateral da ponte, Clara mal conseguia sentir as pontas dos dedos dos pés e das mãos. Equilibrou-se na madeira estreita, relutante em olhar para baixo, mas sabendo que sua curiosidade seria maior. Abriu os braços para se estabilizar e abaixou a cabeça. Viu as pedras do penhasco emoldurando sua visão, o pequeno rio ao centro, esguio e escuro. Não era bonito, nem prometia um futuro melhor. Clara já sabia disso, do mesmo modo que havia parado de criar expectativas ao longo de sua vida. Mas, naquele momento, existia finalmente uma certeza pulsando em seu coração, espalhando-se pelas suas veias. A de que iria pular. Com sorte, morrer.

Emília não estava mais ali; havia perdido a luta.

Clara teria que fazer isso sozinha.

Respirando fundo, pela última vez, fechou os olhos.

Pulou.

Como se tivesse passado décadas adormecida, pareceu que acordou em um sobressalto, adrenalina em seu sangue enquanto caía em queda livre. Sentia o vento gelado deformando suas feições, o coração batendo rápido, o medo a dominando. *Será que vai doer?*

O impacto doeu, sim. A água foi implacavelmente rígida, como o asfalto das ruas. Impiedosa, deixou-a passar, para sofrer enquanto era envolvida pela corrente congelante. Não lembrava se gritou. Agora não teria mais essa chance, pois sentia-se afundar, todos os seus membros até a cabeça sendo cobertos pelo rio. Sabia que iria boiar sem algum peso extra, mas já não tinha forças para se importar. Provavelmente estaria morta antes que voltasse a superfície.

Concentrou-se nas batidas surdas de seu coração; *tum-tum, tum-tum, tum-tum*. Elas iam diminuindo de ritmo.

Estava tudo tão calmo ali embaixo.

Até que ouviu um cantarolar baixinho, suave. Foi ficando mais alto aos poucos, a voz cada vez mais reconhecível.

Emília.

“Que pena, Clara. Desperdiçou sua vida assim, sem nem pensar duas vezes.”

Eu não tive escolha.

“Você me odiava, quis se livrar de mim. Eu entendo. Como eu disse, que pena, pois não vai funcionar; não assim tão fácil.”

Clara mal a ouvia, sentia-se sendo puxada para longe, além do oceano.

Por que não? Quis saber. Não fazia sentido. Emília era criação de sua cabeça, como um vírus cujo hospedeiro estava prestes a morrer.

“Porque você escreveu sobre mim.”

Foi a última coisa que Clara registrou, antes de ser arrancada desse mundo.

“I’ve grown familiar with villains that live in my head

They beg me to write them, so they’ll never die when I’m dead”

Halsey

M. Gruber

A vida solitária do pequeno Ben

Ben não gostava de dormir.

O problema não era bem o ato em si, pois, pessoa tranquila, não costumava ter pesadelos. Assim que caía no sono, ele relaxava e conseguia sonhar por horas, até que o Sol surgisse na manhã seguinte e ele acordasse renovado. Com a luz do dia, ele se esquecia de suas aflições e seguia com sua vida. No entanto, após o pôr-do-sol, quando Ben encolhia-se em sua pequena cama e o silêncio pairava sobre ele intensamente, como se dele zombasse, o jovem sofria; estava sozinho.

Ironicamente, era dono de um lugar cujo nome, Motel da Amizade, de nada ilustrava a movimentação e relação entre seus hóspedes – quando havia estes; quase ninguém mais desviava da eficiente e econômica autoestrada para atravessar o deserto onde o estabelecimento se encontrava. As pessoas não tinham mais tempo para viajar tranquilamente, aproveitando os locais por onde passavam. Estavam sempre com pressa para chegar a sabe-se lá onde, tendo perdido há muito o gosto por uma aventura, pelo desconhecido. Os poucos que ousavam sair de uma jornada retilínea e sem graça e acabavam no motel de Ben pareciam interessados em fazer algo hoje raro e magnífico: conversar.

Ben gostava de interagir, trocar ideias; sentia-se leve quando arrancava uma risada de um completo estranho e sempre acabava aprendendo algo com cada um que passasse por ali. Poderia ficar dias e noites sentado com alguém, apenas falando. Ele suspeitava que os poucos hóspedes que apareciam, sempre sozinhos também, deveriam sentir-se tão tristes e vazios como ele; recebia-os, pois, com braços bem abertos e um largo sorriso no rosto.

Ele não entendia porque as pessoas não se relacionavam mais. Antigamente, elas só andavam juntas, desesperadas por atenção e amor. Com o tempo isso foi se transformando. Tornando-se seres cada vez mais egoístas, simplesmente pararam de conversar, afastando-se lentamente uns dos outros. O casamento deixou de existir, virando uma prática rústica e enferrujada; a palavra “namoro” foi extinta. Como ninguém mais tinha filhos, os governos foram obrigados a *incentivar* as pessoas a doarem seus espermatozoides para que a reprodução fosse feita artificialmente. Barrigas de aluguel surgiram como o mais novo serviço de funcionárias públicas, as quais ganhavam altos salários para manter as populações jovens. Com isso, os recém-nascidos

eram enviados a orfanatos e, mais tarde, colégios internos – até atingirem a maioridade. Jamais conheciam seus pais. O laço entre os semelhantes de sangue, cujo termo antigo era “família”, desapareceu. Ao menos era isso que Ben havia descoberto em suas pesquisas históricas. Numa sociedade antes repleta de relacionamentos dos tipos mais variados, agora o individualismo prevalecia, sem amigos ou parceiros para compartilhar suas experiências de vida. Aqueles que andavam juntos, dialogando ou, pior, encostando uns nos outros, eram mal vistos. Eram diferentes. Interações eram perdas de tempo aos seus olhos, um desvio de conduta que deveria ser evitado se quisessem alcançar o sucesso. Enquanto seus corações ficavam amargos e vazios, leis eram aprovadas, proibindo a criação de filhos em residências privadas e a divisão de uma propriedade entre mais de uma pessoa. Afinal, qual indústria não se beneficiaria com essa nova alienação? Oficializada pelo governo e apoiada pelos economistas, a sociedade foi-se distanciando aos poucos, até chegar a esse ponto, fria e calculista.

Por causa disso, Ben fugiu da indiferença urbana do litoral onde nascera e adquiriu seu pequeno e aconchegante motel, à beira de uma estrada abandonada no deserto. Criou uma rotina, levantando junto com o Sol e cuidando de seus afazeres. Ele sorria mais quando pessoas chegavam, mas, no geral, pouco acontecia. Depois de ter lido mil histórias sobre como o mundo costumava ser – identificava-se em especial com o personagem solitário e perturbado de Robert Bloch, em *Psycho*, apesar de considerar-se uma pessoa sã – este se havia tornado uma grande frustração para ele, monótono e decepcionante.

Até que um dia, um carro chegou a seu motel trazendo duas pessoas. Um homem e uma mulher, juntos.

Um casal.

Sara conheceu Z assim que chegou ao país, fugindo da violência de sua terra natal. Completamente desamparada e faminta, encontrou no jovem sua única chance de sobreviver. Z trabalhava em uma padaria na época e, fascinado pela garota cujos olhos brilhavam com uma intensidade jamais vista por ele antes, por mais ariscos que parecessem ser, estendeu-lhe a mão. Acostumada com as brigas e o desespero de suas origens, a bondade e serenidade de Z foi refrescante a Sara, enquanto, para ele, mesmo vendo sua postura pesando de exaustão, ela era a pessoa mais bonita que já tinha tido a

honra de conhecer. Sentiu uma vontade imensa de mantê-la por perto, conhecê-la melhor, descobrir seus medos, seus sonhos e desejos. Tudo.

Enfeitiçados um pelo outro, começaram a se encontrar. Z ajudou-a a conseguir um lugar para morar e como sobreviver na cidade grande. Queriam apenas continuar se vendo às vezes, trocando breves palavras; com certeza não planejaram tornar-se tão próximos, muito menos se apaixonar. Sabiam que era perigoso, mesmo que não fosse ilegal. As pessoas não mais entendiam o que era estar na companhia de outra pessoa e poderiam reagir de maneira até agressiva caso vissem os dois juntos, ainda mais de mãos dadas. Mesmo assim, mantiveram um relacionamento por anos em segredo e sem que ninguém desconfiasse.

Até que Sara, num descuido de ambos, ficou grávida.

A mera ideia de ter que entregar seu filho para o governo e jamais vê-lo novamente, como seus pais haviam feito com ela, era repugnante. Assim que fez o teste caseiro resolveu que iria fugir. Com medo de que Z não fosse aceitar e resolvesse impedi-la, ou pior, arriscasse a própria vida para segui-la e ajudá-la a transgredir a lei, não lhe disse nada. Mas ela não teve chance de escapar; ele a encontrou antes que fosse embora, preocupado e magoado com sua partida súbita.

Encurralada, não resistiu e contou-lhe a verdade. Sem hesitar, Z fez sua própria mala e se jogou no banco do passageiro do carro da mulher. Iria com ela.

Eles ainda tinham que elaborar um plano, uma rota de fuga, mas iriam conseguir se ficassem juntos.

Depois de alguns dias na estrada, os enjoos começaram. Sara percebeu que precisava dormir em uma cama de verdade para descansar, e um bom banho era mais do que necessário. O problema é que em qualquer lugar que ficassem, as pessoas estranhariam o casal. Até aí tinham conseguido evitar o julgamento dos outros, revezando-se para irem separadamente aos restaurantes e postos de gasolina. No entanto, se parassem em um motel, com o dinheiro que tinham só poderiam arcar com os custos de um quarto apenas, o que atrairia olhares.

Estavam seguindo a autoestrada para chegar ao litoral rapidamente e lá arranjar um meio de transporte barato para saírem do país, em direção a um mais tolerante – a prioridade era deixarem essas terras. Como solução, decidiram pegar um desvio que os atrasasse um pouco, levando-os por uma estrada alternativa e menos movimentada,

onde certamente encontrariam um lugar recluso para se acomodarem por ao menos uma noite.

Não seguiram muito tempo pelo asfalto maltratado, cujos buracos eram difíceis de enxergar no escuro, até avistarem um pequeno e singular motel, com um nome que trouxe um breve sorriso aos lábios dos dois: Motel da Amizade.

Atravessaram os grandes portões de ferro e seguiram por uma estrada de lajotas bem cuidada até alcançarem a casa onde imaginavam ser a recepção. De lá, antes que os dois conseguissem sair do carro e fechar as portas, saiu um jovem peculiar. Era bonito, pensou Sara, admirando os traços delicados do rapaz que parecia ser um pouco mais novo que o casal. Não muito alto, nem muito baixo, mas com uma aura deliciosamente refrescante. Ele sorria para os dois, apesar de sua expressão estar um pouco chocada. Havia algo além de surpresa também; admiração, talvez. Excitação pelo inesperado.

Ambos relaxaram na presença do garoto inofensivo, a tensão deixando seus corpos exaustos ao prestar atenção em quem os recebia. Ele se apresentou como Ben, o dono do local, e ofereceu-lhes um quarto para a noite (“ou dois, vocês quem sabem”). Z ia observando-o. O garoto gaguejava um pouco, quase nervoso, mas pediu que se sentissem confortáveis ali, pois eram os únicos hóspedes e ele estava sempre sozinho. Após mostrar-lhes o quarto onde ficariam, pediu licença e retirou-se para preparar o jantar.

Sara fez questão de acariciar gentilmente o braço do jovem quando passou por ele antes de entrar no quarto, agradecendo calorosamente. Ben corou, envergonhado, mas não se afastou do toque. Apenas tropeçou ao ir embora, realmente afetado. Z entrou logo atrás de sua amada, rindo calmamente.

“Você gostou dele”, comentou. Tirando sua jaqueta, levantou as sobrancelhas sugestivamente para a mulher, que se jogou na cama sem cerimônia alguma.

“Ele é adorável.” Sara suspirou. Seu sotaque estrangeiro continuava forte quando falava, acentuando suas palavras de um jeito sensual que costumava levar Z à loucura. Ele apenas balançou a cabeça, concordando. Seus olhos pairaram sobre o rosto aliviado dela, satisfeito e quase ronronando por estar finalmente repousando sobre um colchão macio. Ele também estava aliviado.

Escolhendo uma muda de roupas frescas e limpas, dirigiu-se ao banheiro para tomar um banho. Pensou brevemente em Ben, o simpático dono do motel, que provavelmente cumprimentava as flores e o Sol todas as manhãs e nunca reclamava; ele não parecia alguém que apreciasse a solidão com que estava rodeado. Se não havia

outros hóspedes, fazia sentido que tivesse aceitado prontamente em receber o casal, por mais estranho que fosse eles estarem juntos. Ele deveria estar desesperado por companhia. Mas algo nele, algo diferente que viu em seus olhos, fez com que Z refletisse. Por mais que a maioria das pessoas fosse adorar estar na mesma posição que o garoto, tendo um lugar próprio que lhes sustentasse, Z pressentiu que Ben não pensava o mesmo. Sim, ele sabia que ele e Sara eram exceções e não se encaixavam nessa estrutura social bizarra e egoísta. *Precisavam* um do outro. *Adoravam* a intimidade que havia sido construída ao longo de seus vários anos juntos. Conheciam-se muito bem, de dentro para fora. E Z nunca tinha encontrado mais ninguém assim. Acreditava que fossem os únicos, até conhecer Ben, com seu sorriso entusiasmado e olhos brilhando com inocência. Uma visão do belo em sua forma mais pura.

Alguém assim seria capaz de amar.

Ben estava nervoso.

Havia preparado três pratos diferentes e bem servidos e os posto em uma grande bandeja, mal conseguindo sustentá-la ao andar até o quarto de seus hóspedes. Antes de bater à porta, limpou as mãos de suor nas calças brancas, uma por vez, e respirou fundo. A verdade é que queria impressioná-los para poder passar um tempo em sua companhia; realmente queria conhecê-los.

Após bater três vezes, esperou. Ouviu alguns passos em sua direção, a porta se abrindo para revelar Z do outro lado. Ele vestia apenas uma calça de moletom – Ben ateve-se de suspirar e não ousou desviar os olhos do rosto do outro homem. Vendo o que o garoto carregava, o hóspede deu-lhe espaço para entrar no quarto e depositar a bandeja em cima da pequena mesa ao lado da cômoda. Sara não estava à vista, provavelmente no banheiro. Com muito cuidado, arranjou cada prato sobre a superfície de madeira, deixando utensílios como talheres e guardanapos à disposição ao lado. Sentia o olhar intenso de Z sobre ele, e não conseguiu evitar que suas mãos tremessem diante da atenção. Quando terminou, não soube o que fazer. Como não queria ir embora, ficou parado. Depois de uma pausa, ouviu:

“Você já jantou?”

A pergunta pegou-o de surpresa. Ele conseguiu apenas balançar a cabeça negativamente antes que Z fechasse a porta atrás de si e fizesse um gesto na direção da cama.

“A mesa é pequena demais, então. Não há espaço pra mais de uma pessoa ali de qualquer maneira. Sara vai sair do banho daqui a pouco pra se juntar a nós. Vamos, sente-se.”

“Tem certeza?” Quis saber, apesar de fascinado e curioso demais para negar.

“Você não quer comer sozinho, quer?” A pergunta foi quase provocativa pelo sorriso torto jogado na sua direção.

Ignorando qualquer voz em sua cabeça que dissesse que essa era uma má ideia, ele se acomodou na ponta da cama.

Sara apareceu logo depois, vestindo um pijama confortável com um roupão felpudo envolvendo seu corpo. Seus cabelos molhados estavam sendo penteados por seus dedos quando ela percebeu a presença do dono do motel ali.

“Ah! Ben! Que surpresa agradável. E trouxe comida, que bom, estou faminta.” Ela sorria largamente para ele de uma maneira quase predatória. Se era para ele se sentir intimidado, funcionou. Se era para fazer com que ele fugisse assustado, ela teria que se esforçar mais.

Sara sentou-se sobre o colchão, piscando os olhos brilhantes na direção de Z, e pediu que trouxesse os pratos para eles. Z prontamente atendeu-lhe. Antes que o garoto pudesse levantar-se para ajudar, a bela mulher segurou seu pulso, dizendo que não era necessário que se incomodasse, depois rindo por tê-lo feito corar novamente.

Ele comeram em silêncio. O casal estava realmente faminto, devorando uma garfada após a outra e parando apenas para gemer de prazer em alguns momentos. Pela metade de seu segundo prato, Sara exclamou ao lembrar-se de algo. Foi até sua mala e retornou com uma garrafa de vinho tinto, abrindo-a rapidamente e entregando-a a Ben, enquanto Z abria um sorriso beirando a malícia.

“Para descontrair.” Ela disse, com uma piscadela.

Ben não disse nada, apenas bebericou-o, diretamente do gargalo, entre mastigadas; há muito que não sentia o gosto de álcool queimando sua garganta.

Quando terminaram de comer, Ben não se moveu. Relaxado pelo vinho, ficou mais atrevido e não queria ir embora. Contudo, o casal nem se importou. Sara encostou-se na cabeceira, ao lado de Z, e fixou seu olhar no garoto.

“Parece bastante solitário aqui.” disse, suspirando com um ar de tristeza. Ou seria isso pena?

“É...e é.”

Ele tentou esconder a dor que sentia, manter a expressão neutra, indiferente. Falhou.

“Isso o chateia?”

“Ah, não, ah- tipo, já me acostumei, mas...É, na verdade, sim. Bastante. É que eu cresci sozinho, então eu realmente *deveria* estar acostumado, porque é tudo o que eu sei. Mas de alguma forma, por mais louco que isso pareça, sinto que há mais...”

“Nunca pensou em ir até a cidade grande? Por que ficar aqui, no deserto?”

“Ah, vocês devem conhecer a cidade. Tem muita gente lá, sim, mas as pessoas têm tanta pressa, nunca têm tempo para parar e conversar. Nem querem, sabe. É estranho, perigoso, essas coisas.”

“Sim, nós sabemos bem como é. Viemos de lá.”

“E para onde vão? Se não se importam que eu pergunte.”

Ben queria desviar a atenção de si, a qual o deixava desconfortável.

“Não sabemos. É uma aventura propriamente dita.”

O casal trocou olhares ternos e entretidos, como se estivessem conversando telepaticamente, contando e ouvindo uma piada que só os dois entendiam.

Bem suspirou, observando, cada vez mais bêbado.

“Só li a respeito disso, do que vocês têm. Amor, acredito que seja a palavra. É bem antiga, mas acho que se encaixa aqui. Encontrar alguém que queira compartilhar toda uma vida ao seu lado...é um milagre. Destino.”

“Foi apenas muita sorte.” Z interferiu, inclinando-se para pegar a garrafa de vinho das mãos do jovem.

“Não pode ser apenas isso, Z. Ah, posso chamá-lo assim? (“Por favor”) Duas peças que se encaixam perfeitamente...”

“Não somos perfeitos, pequeno.”

“Eu não disse que eram! Não precisam ser, entende? Vocês dão certo um com o outro e-”

“Você está nos pondo em um pedestal. Pare. Só porque estamos juntos, não quer diz-”

“Z, você não está entendendo. O que vocês conseguiram encontrar é o que venho procurando a minha vida toda. É maravilhoso, é não estar sozinho! Todas as noites, eu só não queria estar sozinho, ter alguém do meu lado, e...”

Nesse momento, Ben começou a perder o controle, sendo dominado pelas lágrimas que encheram seus olhos.

Sara estendeu a mão, como um convite. O garoto se aproximou, cauteloso, como se temesse movimentos muito bruscos, até estar próximo o suficiente da mulher para que ela o abraçasse com força. Ben enterrou o rosto em seu pescoço, buscando conforto no frescor de seus cabelos recém-lavados e de sua pele quente e macia. Manteve suas mãos inertes ao seu lado, pois não sabia o que fazer com elas. Ninguém jamais o havia abraçado, não dessa maneira sincera. Sara acariciava seus cabelos, massageava sua nuca e sussurrava palavras doces em seu ouvido, cujos significados ele nem entendia, mas não importavam.

Z dava alguns goles na bebida e observava, sentindo compaixão pelo garoto que, pela primeira vez, sentia o que era ser humano e chorava feito um recém-nascido, libertando-se de toda a sua angústia acumulada. O tempo foi passando até que o jovem se acalmou. Endireitou-se e enxugou o rosto com a gola da camisa, pedindo desculpas. Z procurou por um lenço nas gavetas do banheiro e levou um para Ben, que agradeceu.

“Por que vocês estão sendo tão bons comigo? Mal os conheço e estou arruinando a sua noite, me sinto um idiota.” Ele riu baixinho, como se zombasse de si mesmo.

“Não se preocupe, querido. Você não está nos atrapalhando e entendemos como você se sente. Passamos muitos anos sozinhos também.”

Z passou o braço ao redor de Sara e a puxou para perto. “Não há nada de errado em querer a companhia de outra pessoa. A verdade negada pela maioria é que precisamos de seres humanos. A família costumava ser importantíssima para nossos antepassados, mas de alguma forma fomos perdendo isso, paramos de valorizar algo essencial: nossa relação com o outro.”

“Família...eu conheço essa palavra. Foi extinta.”

“Não, ainda existe, por mais que tentemos reprimi-la. E não falo apenas de uma conexão do sangue. Sara é minha família. Eu faria tudo por ela.”

“Como é possível que algo assim seja condenado pelas pessoas?” O lábio de Ben voltou a tremer, agora mais por causa do efeito do vinho e por estar relaxado do que qualquer outra coisa.

Nesse momento, Z deu-se conta de que Ben era realmente diferente das outras pessoas; especial como eles, o casal, que via a si ao olhar para o garoto. Já estiveram nessa mesma pele.

“Às vezes o ser humano não faz sentido algum.” Z deu de ombros. Ben aproximou-se dele lentamente, engatinhando sobre o colchão e tentando não perder o

equilíbrio. Estendeu a mão para a garrafa de vinho; ao tê-la em mãos, deu grandes goles de uma só vez. Apoiou-se em seus calcanhares.

“Está decidido! O vinho será meu mais novo companheiro. Ao menos assim eu posso esquecer...”

Sorriu como se fosse voltar a chorar a qualquer momento.

Z puxou de volta a garrafa, fazendo o garoto perder o equilíbrio e cair em cima dele. Após ter deixado o objeto no criado-mudo, estabilizou-o com as mãos em seus quadris, a pressão suave.

“Não diga isso. Beber não vai te ajudar, muito pelo contrário, Ben.”

“Você pode acabar dependente do álcool, querido. É isso que você quer?” Sara perguntou delicadamente, empurrando as madeixas que caíam nos olhos do garoto para trás.

“Não”, murmurou, os olhos embaçando e perdendo o foco. Como se acordasse de repente, olhou em volta e se assustou com a posição em que se encontrava. Ele corou pela terceira vez na mesma noite, mas não ousou se afastar. Olhou entre o casal, nervosismo abafado pelas desinibições alcoólicas.

Sara sorriu calorosamente para reconfortá-lo, sua postura antes guardada agora completamente aberta – desde que Ben desabou em seus braços aos prantos. Z começou a acariciar a pele sob o tecido da blusa do garoto, desenhando círculos com seus dedos.

“Está tudo bem?” perguntou depois de alguns momentos.

“Sim.”

Sua voz não era mais alta que um murmúrio. Respirou fundo, sentindo-se submerso em um oceano de novas sensações, sem conseguir respirar de tão intensas que eram. Buscou apoio nos ombros firmes de Z. Precisava entender. “O que estamos fazendo?”

“Você não queria intimidade com outras pessoas, querido?” Sara questionou, as mãos ainda nos cabelos do jovem, descendo por seu pescoço e peito para subir novamente.

“Você quer isso, Ben?” Z quis saber, aumentando a pressão de seus dedos contra os quadris do garoto. Este fechou os olhos, não aguentando mais mantê-los abertos.

“Quero” sussurrou. Ele jamais se esqueceria da pausa que se sucedeu. O tempo pareceu suspenso por um breve momento, antes que ele sentisse os lábios de ambos Sara e Z sobre sua pele, o contato queimando em sua memória para sempre.

Ben acordou sozinho na manhã seguinte.

O Sol já havia nascido, o que o preocupou por uns instantes. Ele sempre levantava-se ao raiar do dia. Então, a noite anterior voltou à mente como uma enorme onda destruindo qualquer pensamento coerente. Em mais de duas décadas de existência, nunca havia se sentido desse jeito.

Olhando em volta, viu que estava em seu quarto, como todas as manhãs. Será que havia sonhado com tudo aquilo? Impossível. Tomado pela dúvida, saltou da cama e correu para fora do cômodo, atravessando corredores e dirigindo-se ao quarto 08, onde o casal deveria estar. Sentia pontadas de dor nas têmporas, provavelmente por causa da ressaca que o vinho causou, mas não desacelerou – nem percebeu que vestia apenas a cueca da noite passada.

Ao alcançar o quarto, encontrou-o com a porta aberta e seu interior em ordem, os lençóis esticados e nenhuma mala à vista, como se ninguém tivesse passado ali. Mas Z estava sentado na cama, para seu grande alívio, com o cenho franzido de preocupação, enquanto sons estranhos vinham do banheiro. Sara estava vomitando, provavelmente passando por uma ressaca forte.

“Ben, cadê suas roupas?” Z perguntou, dirigindo seu olhar preocupado a ele. *Você devia saber onde elas estão...* Pensou maliciosamente, mas guardou seu comentário. Havia assuntos mais importantes a tratar.

“O que houve com ela?” perguntou também, ignorando o questionamento de Z e indicando a porta do banheiro para ele entender do que falava.

“Nada, está tudo bem. Vá se agasalhar, por favor. Assim vai ficar doente.”

“Não ligo. Vocês estão indo embora?”

Z suspirou. “Sim. Precisamos ir, Ben.”

“Mas por quê? Pensei que ontem-”

“O quê? Nada mudou. Foi apenas uma noite. Eu e Sara temos que continuar nossa viagem.”

“Vocês nem sabem para onde ir! Fiquem aqui, por favor.” Z se levantou e chamou por Sara quietamente. Para Ben, falou:

“Temos que sair do país. Sinto muito.”

Sara apareceu logo depois, com a expressão exausta e enjoada. Avistou Ben e seus ombros caíram, como se doesse olhar para ele. “Ben...”

Ele engoliu em seco, segurando as lágrimas. “Por favor.” implorou baixinho.

“Temos que ir.” ela disse, virando-se para Z. “Agora.”

Ele concordou e pegou ambas as malas. De repente, Ben lembrou-se de algo. Sara não podia estar de ressaca da noite passada, pois não a viu beber em momento algum. Uma ideia surgiu na mente dele. Talvez eles realmente precisassem ir embora. Talvez, algo estivesse-os forçando a sair do país, a *fugir*. Pelos ideais que compartilhavam, por toda a conversa sobre “família” que tinham tido na noite anterior, suspeitava de algo que podia fazer sentido. Mil soluções e caminhos possíveis foram aparecendo em sua mente.

Ben parou na frente da mulher que mal conhecia mas já tanto estimava, impedindo-a de passar pela porta.

“Vocês não tem nada planejado, certo? Suponho que nem saibam qual meio de transporte irão usar para escapar daqui. Sara, eu posso ajudar vocês.”

Ela arregalou os olhos. “Do que você está falando?”

“Você está grávida de quantos meses?”

“Ben!”

“Vocês têm que ir logo, antes que a barriga comece a crescer. O melhor jeito é de barco. Transporte antigo, menos vigilância. Não devem exigir um exame médico ou algo do tipo. Mas também é mais demorado e, se houver qualquer problema, os dois estarão presos no meio do oceano.”

Z havia reaparecido e escutava atentamente, enquanto Sara tinha os olhos fixos nos seus, balançando a cabeça como se assimilando tudo o que dizia. “Estamos ouvindo.”

Ben continuou dando todas as informações que sabia, acumuladas com os anos em que morou no litoral – e sempre foi muito curioso para querer sair do país. Ao indicar-lhes o melhor lugar para ir, onde haveria menor rigor nas leis, e como chegar lá, lembrou-se de que esse costumava ser o seu sonho. Ir embora quando encontrasse alguém para acompanhá-lo nos melhores e piores momentos. Por mais que jamais fosse realizá-lo, ao menos ajudaria as duas pessoas, no momento, mais significativas da sua vida, pois mudaram o seu mundo completamente – deixando-o de cabeça para baixo de uma maneira deliciosa.

Eles escutaram-no atentamente, Z anotando tudo em seu bloco de notas. Depois disso, abraçou cada um, desejou-lhes sorte, dando as costas para os dois antes que voltasse a implorar para que ficassem. Entendia que precisavam ir, proteger o filho deles, criá-lo com muito mais amor do que qualquer outra criança desse mundo já teve.

Recolheu-se na recepção, deixando a brisa gelada enchê-lo de arrepios – ainda estava apenas de cueca. Ficou olhando através da janela enquanto Sara e Z iam embora de sua vida definitivamente, deixando um buraco em seu peito e um rasgo na alma.

Os dias seguintes passaram-se como um borrão.

Nada era claro, pois nada importava. Ben seguia com sua rotina de forma entorpecida. A única coisa que poderia trazer um sorriso ao seu rosto seria a chegada de novos hóspedes. Esperava ansiosamente para que alguém viesse e o reanimasse.

Mesmo assim, não conseguia evitar que pensasse no casal, às vezes, preocupações enchendo sua mente. Será que eles tinham conseguido? Faria qualquer coisa por uma notícia, mas sabia que isso seria perigoso demais para eles, então continuava com sua vida, sem que nada o surpreendesse, nada o impressionasse mais. Perdeu o sabor pelos detalhes da natureza, pelo calor do Sol num dia gelado e pela melodia de belas canções. Cada dia mais desiludido, perdendo a si na desesperança e solidão.

Certa tarde, porém, algo o despertou. A campainha da recepção começou a tocar incessantemente. Ben desceu para dar as boas vindas ao seu mais novo hóspede, finalmente, mas seus pés congelaram e seu coração parou ao avistar as duas pessoas por quem tinha conseguido se apaixonar em apenas uma noite. Do outro lado do balcão de entrada, Sara deu de ombros, fingindo timidez, enquanto Z sorria largamente.

“Deixamos algo valioso para trás, e demoramos pra perceber o que tínhamos esquecido.” Sara explicou.

É claro. Respirando fundo, Ben se recompôs.

“Tem certeza? Limpei o quarto de vocês depois que saíram e não vi nada. O que era?”

Sara bufou e agarrou seus ombros com força. “Você, seu besta.”

“Gostamos de você, pequeno.” Z concordou.

Ben tentou processar o que os dois – lindos e maravilhosos e em carne viva a sua frente, não mais memórias que iam apagando-se aos poucos – diziam.

“Mas...você disse que tinha sido apenas uma noite! Mal nos conhecemos! E vocês vão ter um filho juntos! Além disso, não posso largar tudo e-”

Ele não conseguiu terminar de resmungar porque Sara beijou-o com força, murmurando contra seus lábios. “Nada disso importa. Venha com a gente. Queremos você. O resto a gente descobre no caminho.”

Z enlaçou a mulher pela cintura, apoiando o queixo em seu ombro macio e acariciando a nuca de Ben, depois sua mandíbula e parando para pressionar a ponta de seu polegar contra o lábio inferior de Ben, que estava saltado para fora num beijo teimoso.

“Vai ser a nossa aventura, Ben. Prometo que você não vai mais acordar sozinho.” Respirando fundo mais uma vez, o garoto apenas balançou a cabeça, concordando.

“Vamos lá.” Sussurrou.

E partiram rumo a um novo continente.

M. Gruber

Roteiro - Pesadelos
Por Mariana Gruber
2015

CENA 1 - INT. CELA DO ALIENÍGENA - NOITE

Está tudo escuro. PIETRO (18), jovem esguio e bonito, olha em volta, tentando se localizar; não reconhece o lugar. Ele caminha, tropeçando na beirada da cama posta ao canto e só ouvimos sua respiração ofegante. Ao encontrar uma parede, ele começa a tateá-la até sentir o concreto dando lugar a barras de metal. Pietro as agarra, seus movimentos cada vez mais frenéticos, e começa a sacudi-las; ele choraminga, pedindo ajuda baixinho, apenas balbuciando sem formar palavras. O rangido metálico e sua voz chamam a atenção do ALIEN - um vulto escuro não parecendo humanoide - no lado oposto da cela, até agora escondido nas sombras. Ele se mexe, assustando o garoto, que vira em sua direção e tem sua respiração acelerada. POV de Pietro que se aproxima da criatura; ouvimos seu coração batendo forte. O Alien também está emitindo sons ininteligíveis, animaisescos. Não enxergamos mais do que o contorno do Alien, o quarto tomado pela penumbra. Vemos o garoto de frente, acompanhando cada movimento seu - está claro que sente bastante pavor. A câmera gira lentamente, até estar voltada para o Alien mais uma vez. Quando para, a criatura abre os olhos e vemos um par de íris laranja fosforescentes. Pietro grita e rasteja para longe, de costas. O Alien (o qual agora vemos que parece uma mistura de cachorro com peixe - quadrúpede e escamoso) não se mexe, só continua soltando os mesmos sons perturbadores. Vemos as costas ensopadas de suor do garoto, gotas pingando de sua testa.

PIETRO
(Sussurra)
- O que é você?

Vemos a criatura observando-o com expressão neutra; não há indícios de medo ou curiosidade. Pietro tenta movimentar-se sem movimentos bruscos, mas a criatura avança em sua direção rapidamente e ele grita antes de ser arrancado de seu sonho pelo susto.

CENA 2 - INT. QUARTO DE PIETRO - MANHÃ

Pietro senta-se em sua cama e olha embaixo de suas cobertas. Suspira frustrado e as joga para longe. Vemos os lençóis molhados. Ele vira para o lado e encosta os pés no chão na mesma hora em que ouvimos baques surdos vindos da parede. Ele reconhece a voz de seu pai, ROBERTO (52).

ROBERTO
- Para de gritar, seu merda!

Pietro esfrega seus olhos cansado e o ignora.

CENA 3 - INT. CONSULTÓRIO - TARDE

Pietro está sentado em uma poltrona confortável, o ambiente agradável esteticamente ao seu redor criando um falso senso de segurança. A sua frente, vemos CLÁUDIA (42), mulher com feições duras e olhar frio, analisando-o com atenção. Pietro evita seu olhar.

CLÁUDIA

- Seus pais disseram que você teve o sonho de novo.

PIETRO

- É.

CLÁUDIA

- E como foi?

Ele apenas dá de ombros. Ela suspira.

CLÁUDIA

- Estou apenas tentando te ajudar, você sabe disso.

PIETRO

(Após uma pausa)

- Foi diferente dessa vez.

CLÁUDIA

- Diferente como?

PIETRO

(Ele diz enquanto encara-a nos olhos pela primeira vez desde que chegou)

- Eu não estava sozinho.

CENA 4 - EXT. RUA - FIM DE TARDE

Pietro caminha pela calçada, olhando em volta como se estivesse fazendo algo errado. Percebemos que está quente pelos transeuntes vestindo roupas frescas, porém o garoto demonstra sentir frio. Ao avistar um chevette decadente, vai até ele. Bate na janela do motorista e espera. Vemos SANTANA (19), jovem de cabelos longos e desgrehados sempre cobertos por um gorro, acordar de uma soneca e inclinar o banco para a posição ereta. Ele abaixa a janela manualmente e sorri para o garoto.

SANTANA

- E aí, Pi? O que tens hoje?

PIETRO
- Me deixa em casa?

SANTANA
(Bufa mas balança a cabeça,
concordando)
- Sobe aí, cara.

Pietro sorri curtamente e dá a volta no carro. Vemos o sorriso malicioso de Santana enquanto este põe o cinto de segurança. Após acomodar-se no banco do passageiro, Pietro bate a porta do carro com força.

CORTE BRUSCO DE VOLTA AO CONSULTÓRIO

CENA 5 - INT. CONSULTÓRIO - TARDE

De volta ao momento em que a cena foi interrompida, vemos Cláudia dirigindo um olhar inquisitivo a Pietro.

CLÁUDIA
- Havia alguém com você?

PIETRO
(Pietro contorce-se no lugar,
desconfortável)
- Não exatamente.

CLÁUDIA
- Certo. Mas você entende que é apenas
um sonho, certo? Nada daquilo é real,
Pietro.

PIETRO
(Ofendido)
- Eu sei disso. Não sou louco.

CLÁUDIA
(Anota algo em seu bloco de notas,
indiferente)
- Claro que não.

CENA 6 - EXT. CARRO - NOITE

Vemos o chevette escuro de Santana contornando uma rua estreita junto a um morro, escutando o mesmo rock que está tocando em seu carro.

CENA 7 - INT. CARRO - NOITE

Pietro e Santana estão no meio de uma conversa enquanto este dirige atento, mas descontraindo. Há embalagens de

hambúrgueres e batata frita no console, copos de refrigerante no porta-copos. Pietro canta baixinho com a música.

SANTANA

(Lança um olhar de soslaio em Pietro e hesita antes de perguntar)

- E aí, seus pais continuam enchendo o saco?

PIETRO

- Sim. Me olham como se eu fosse louco. Seria ridículo se não fosse horrível. Acham que me enchendo de drogas eu vou voltar ao normal, seja lá o que isso signifique, tá ligado.

SANTANA

(Sorri maliciosamente)

- Ao menos alguém ganha com isso.

PIETRO

(Joga um frasco de comprimidos em Santana)

- Você é um lixo. Ó, as de hoje. Mesmo preço.

SANTANA

(Consegue agarrá-lo e guarda-o no bolso do casaco, depois de olhar duas vezes o rótulo)

- Valeu. Já te dou o dinheiro. Essas são novas?

PIETRO

- É. A médica, psicóloga, sei lá, achava que as outras não estavam funcionando.

SANTANA

(Finge um suspiro exasperado)

- O que foi que você fez dessa vez?

PIETRO

(Ele imita a voz de Cláudia exageradamente)

- Nada, cara. Ela que veio com um papo de "você sabe que é só um sonho, né"? Como se não fosse óbvio.

O carro para em frente à casa de Pietro, que ri do absurdo da situação e põe a mão na porta para sair do carro. Santana impede-o, segurando seu pulso.

SANTANA

(Fica em silêncio por um tempo,
relutante em dizer o que pensa)
- Mas...e se não for um sonho?

PIETRO

(Encara-o, confuso)
- Não fode, velho.

SANTANA

(Sorrindo largamente)
- É zoeira, cara, relaxa. Sai daqui.

Pietro sacode a cabeça, mais irritado do que achando graça. Sai do carro e bate a porta com força novamente, indo embora sem olhar para trás e sem pegar o dinheiro da venda de seus comprimidos.

TRANSIÇÃO RÁPIDA E BRUSCA PARA O FLASHBACK

CENA 8 - INT. CELA DO ALIEN - NOITE

Flashback de um dos sonhos com o alien. Pietro está deitado Em posição fetal na cela, choramingando e balbuciando a esmo.

PIETRO

- É só um sonho, é só um sonho, é só um
sonho...

Ouvimos passos ecoando a distância, aproximando-se do garoto. Ele levanta a cabeça e sua expressão é de esperança. Aparecem duas pessoas vestidas com roupas claras e jalecos brancos cujos logos bordados em cor azul-marinho saltam aos nossos olhos do resto da vestimenta, mas não conseguimos ler nada.

PIETRO

- Ei!

Ele ouve um barulho no canto oposto da cela e percebe que a criatura encolhe-se e treme de medo ao avistar os médicos. Fica claro que Pietro começa a duvidar das intenções dessas pessoas. Quando eles passam em frente à grade do alienígena, um deles para. Cada vez mais assustado com a conversa que escuta, Pietro não emite um som.

DOUTOR
- Você ouviu isso?

DOUTORA
- O quê?

DOUTOR
- Não consegui entender, mas parecia vir dessa cela.

DOUTORA
- Duvido. Nós já fizemos vários testes, ele não consegue falar. É uma pena.

DOUTOR
- Ah. Bom, devo estar enganado.

Os dois continuam caminhando até sumir no corredor. Pietro percebe que seu coração está batendo mais rápido, como se seu corpo pressentisse o perigo que aquelas pessoas poderiam oferecer-lhe. Ele encara o vulto no canto do quarto. O vulto o encara de volta.

CENA 9 - INT. CASA DE PIETRO - NOITE

Pietro abre a porte discretamente, tentando passar despercebido por seus pais. Antes que consiga alcançar o pé da escada para subir em direção ao seu quarto, sua mãe, REGINA (40), mulher cujos fios de cabelo nunca estão fora de lugar e cuja maquiagem e roupas estão sempre impecáveis, aparece na soleira da porta da sala de estar.

REGINA
- Posso saber onde você estava?

PIETRO
(gagueja, nervoso por ter que mentir)
- Por aí...com um, ah, amigo.

REGINA
- Até agora? Já são nove horas. Você perdeu a janta.

PIETRO
- Tudo bem, eu comi com ele.

REGINA
- E como foi a terapia?

PIETRO

- O mesmo de sempre, mãe.

REGINA

(cruza os braços)

- Eu já te disse que se você não passasse tanto tempo lendo aquelas histórias ridículas de fantasia, não teria esses pesadelos feito uma criança.

PIETRO

- São livros de ficção científica!

REGINA

(balança a cabeça, desolada)

- Não faz diferença, Pietro. Você se esconde neles, não age como um adolescente normal. Esse amigo aí ao menos existe?

PIETRO

- Mãe!

REGINA

(enquanto caminha de volta para a sala de estar)

- Eu pensei que esse médico fosse ajudá-lo.

O pai de Pietro bufa de seu lugar no sofá, onde está lendo o jornal.

ROBERTO

- Ele continua a mesma menininha mijona de sempre. Não sei por que gastamos tanto dinheiro com esse psicólogo.

Obviamente magoado - e ignorado pelos pais -, Pietro sobe as escadas com lágrimas nos olhos, esfregando-os para que elas não caiam. Ele tenta ligar as luzes do corredor, porém estas não funcionam. Fica um momento parado, hesitando continuar por causa da escuridão, da qual morria de medo devido a sua claustrofobia (essa condição jamais será citada durante o filme). Atravessando-o para chegar ao seu quarto, o garoto nota que está caminhando por mais tempo do que o normal, como se sua casa tivesse sido alongada. A tensão aumenta junto com seu desespero; quando finalmente enxerga um pouco de luz no horizonte distante, empolga-se e corre. Até que chega ao outro lado.

FUSÃO DO CORREDOR ESCURO PARA A CELA DO SONHO

CENA 10 - INT. CELA DO ALIEN - NOITE

Pietro entra na cela e assim que reconhece tenta voltar para o corredor, mas este não existe mais.

PIETRO
(choraminga)
- Ah, não.

Ele fecha os olhos e respira fundo para se acalmar, dominado pelo medo. No canto oposto, a criatura começa a brilhar com seus olhos fosforescentes, estes fixos nos do garoto. Lágrimas escorrem do rosto de Pietro, enquanto o laranja dos olhos da criatura está mais pálido, com menos brilho. Ela move-se em direção ao garoto, seus movimentos bastante lentos.

PIETRO
(grudado na parede, tentando
fundir-se a ela)
- Não me machuca, por favor.

A criatura abaixa a cabeça lentamente, até encostá-la nos pés descalços do garoto.

TELA BRANCA PARA INDICAR O
INÍCIO DA MEMÓRIA

CENA 11 - EXT. PLANETA DO ALIEN - DIA

Pietro encontra-se em um lugar único, exótico. É semelhante ao oceano terráqueo, com sua flora colorida imersa em uma substância aquosa. O garoto demonstra surpresa, espanto e assombro. Não sente mais seu medo claustrofóbico porque o ambiente é amplo e vivo, sem paredes ou tetos que o ameacem, mas a situação ainda faz com que seu coração se acelere com adrenalina. Ele flutua pelo lugar, observando tudo. Há muitas criaturas como o alien ali, parecidas com ele ou completamente diferentes. Nenhuma já vista na Terra. Pietro mantém-se longe de todas, mas fica ali observando. A câmera pode acompanhar as bolhas de ar subindo à superfície. Lá em cima, vemos algo escuro se aproximando, como a sombra de um barco.

TELA BRANCA PARA INDICAR O FINAL
DA MEMÓRIA

CENA 11 - INT. CELA DO ALIEN - NOITE

Pietro acorda da lembrança, o contato com a criatura quebrado pelo susto ao ouvirem assustados o som da grade

rangendo e sendo aberta. Entram o mesmo homem e mulher já vistos antes, vestindo roupas brancas e um jaleco com um logo bordado no peito - ênfase nele. Eles estão com máscaras, mas ainda reconhecíveis, segurando instrumentos metálicos na mão.

HOMEM

- Segura ele bem para que eu consiga
fincar a agulha até o fim.

A mulher concorda com a cabeça. Nenhum deles consegue enxergar o garoto, só o alien. Conversam como se estivessem sozinhos. A criatura, já condicionada a odiar essas visitas, afasta-se descoordenada e solta gritos estridentes. O garoto assusta-se novamente com essa reação.

CENA 12 - INT. BANHEIRO DE PIETRO - DIA

Pietro está tomando banho e sua expressão é uma mistura de emoções (confusão, preocupação, medo, exaustão), como se estivesse lembrando-se do sonho. O Sol na janela dá a entender que já é de manhã. O garoto parece mais cansado, pode apoiar-se nas paredes do banheiro para sustentar-se. Quando sua pressão diminui e ele quase desmaia dentro do box do chuveiro, ele desiste do banho e fecha a torneira. Suas mãos procuram pela toalha, tremendo. Ele se enrola e senta no chão, afundando a cabeça nos joelhos, encolhido. Chora.

CENA 13 - INT. CONSULTÓRIO - TARDE

Na sessão de terapia do mesmo dia, o garoto senta-se com as pernas na poltrona, os braços ao seu redor, abraçando-se. Ele olha na direção do assoalho, porém sem focar em nada. Vemos que ele parece sentir frio também. A terapeuta encara-o com o mesmo olhar frio e calculista de sempre.

CLÁUDIA

- Estou vendo que os pesadelos
continuam. (Pietro não responde, nem se
move). Acho que devemos começar a
considerar um tratamento alternativo. Os
remédios obviamente não estão
funcionando.

Ela levanta-se e procura nas gavetas de seu armário, posto na parede mais distante das poltronas, por algo. POV do garoto fechando os olhos, com sono.

TRANSIÇÃO/OU SOBREPOSIÇÃO
(PRA INDICAR O INÍCIO DO DEVANEIO)

CENA 14 - INT. CELA DO ALIEN - NOITE

A cela começa a pegar fogo, o qual brilha da mesma cor laranja dos olhos do alien. Não vemos a criatura, nem Pietro.

TRANSIÇÃO/OU SOBREPOSIÇÃO
(PRA INDICAR O FINAL DO DEVANEIO)

CENA 15 - INT. CONSULTÓRIO - TARDE

O garoto acorda, arrancado de seu sono pelo som da gaveta fechando-se com força.

PIETRO
(gagueja enquanto levanta-se da
poltrona, desorientado)
- Eu preciso ir.

Antes que a doutora possa impedi-lo, ele já abriu a porta às pressas e foi embora.

CENA 16 - EXT. BECO - NOITE

Pietro caminha por uma rua sem movimento de carros e outras pessoas. Há apenas ele. Ao chegar a um beco ainda mais recluso, vê duas pessoas conversando onde é mais escuro. Uma delas é Santana, a outra é um amigo dele, RIBAS (19), jovem baixinho e roliço, porém com uma carranca intimidadora. Pietro anda até os dois, até que notam sua presença. Santana demonstra surpresa e preocupação. O outro homem só sorri maliciosamente.

RIBAS
- Beco errado, princesa.

PIETRO
(confuso)
- Ah?

RIBAS
- A gente não chupa pau, não.

SANTANA
- O que cê tá fazendo aqui, Pietro?

PIETRO
(ainda mais confuso, olhos arregalados)
- Preciso falar com você.

SANTANA

- Agora? Tô trabalhando.

RIBAS

(sorrindo maliciosamente de novo)

- Vai lá, velho, eu cubro pra você.

Santana acena com a cabeça para Ribas, agradecendo, e puxa Pietro para fora do beco. Eles caminham até um parque vazio e sentam-se em um banco antigo, caindo aos pedaços.

SANTANA

- O que houve?

PIETRO

(na mesma hora)

- O que você quis dizer aquele dia?

SANTANA

- Que dia?

PIETRO

- Quando nós conversamos sobre os pesadelos que eu tenho, você sabe. Você disse "e se não for um sonho"?

SANTANA

- Eu estava brincando, Pi.

PIETRO

- Mas...é que faz sentido agora.

SANTANA

- Como assim?

PIETRO

- A cela, a criatura presa, as pessoas de branco...

SANTANA

- Pessoas de branco?

PIETRO

- É! Acho que são cientistas, ou algo do tipo.

SANTANA

(levemente cético)

- Certo...e a criatura é o quê?

PIETRO
(pausa, hesitante, olha para as
mãos e vemos que as pontas de seu
dedo estão laranja)
- Um alienígena.

TELA BRANCA PARA INDICAR O INÍCIO
DO FLASHBACK

CENA 17 - INT. CELA DO ALIEN - NOITE

Pietro está sonhando com o alienígena novamente, a lógica perdendo-se ao misturar a realidade da cela com as memórias que a criatura compartilha com ele. A cela está cheia de água e brilhando no escuro. O alien nada pelo espaço tranquilamente, perdido nos próprios devaneios. O garoto está paralisado, mas consegue respirar. Num momento de loucura, estica a mão para encostar na criatura, mas ela foge como um peixe alarmado, não mais relaxada. Ele só consegue sentir com as pontas dos dedos a sua textura escamosa. Em seguida, ouve um tiro. Depois, muitos outros. O alien é acertado com uma bala e uma gosma marrom começa a sair de dentro do buraco. A expressão do garoto que observa é uma mistura de alívio com tristeza.

TELA BRANCA PARA INDICAR O
FINAL DO FLASHBACK

CENA 18 - EXT. PARQUE - NOITE

Santana sacode os ombros de Pietro, o qual volta a prestar atenção nele, apesar de desorientado.

SANTANA
- O que houve? Pra onde você foi?

PIETRO
- Só...lembrei de um dos sonhos. O
último. Esse não parecia real.

SANTANA
- Mas os outros sim?

PIETRO
- Sim, Pedro. Eu juro.

SANTANA
(arqueia a sobrancelha, entretido)
- Pedro? Chegamos ao nível de primeiros
nomes?

PIETRO
(cora, envergonhado)
- Pensei que...fôssemos amigos.

SANTANA
(passa o braço ao redor dos ombros
de Pietro)
- Ei, nós somos. Eu só tô brincando. E
eu acredito em você.

PIETRO
(afunda a cabeça nas mãos,
inclina-se para o lado de Santana)
- Valeu. Eu não sou louco. Eu sei que é
improvável...

SANTANA
(interrompe, murmura)
- Bastante.

PIETRO
- Mas cada vez mais eu sinto que esse
ser, seja lá o que for, existe em algum
lugar de verdade e está realmente preso.
Pior, sendo torturado por pessoas como
um animal de laboratório.

SANTANA
(franze o cenho, pensativo)
- Como onde seus pais trabalham?

O garoto parece ter uma epifania ao ouvir essas palavras.
Levanta-se de um salto do banco e se despede de Santana
brevemente antes de sair correndo em direção a sua casa.
Esse trajeto pode ser cortado ou feito em jump cuts.

CENA 19 - EXT. VARANDA DA CASA DE PIETRO - NOITE

Pietro chega a casa e procura pelas chaves no bolso,
buscando a certa entre as outras com uma pressa
descoordenada. Abre a porta e tudo está escuro. Para na
entrada e grita pelos pais. Quando não há resposta, sobe
correndo as escadas e desce o corredor até o quarto de seus
pais. Começa a procurar pelos cabides no armário por algo,
depois nas gavetas. Não encontra. Lembra-se, então dos
compartimentos embaixo da cama e puxa-os com força. Vemos
vários jalecos brancos com o mesmo logo dos cientistas
vistos em seu sonho.

PIETRO
- Caralho.

Ele pega o celular do bolso, apressado, enquanto ouve o carro estacionando do lado de fora e a porta de entrada abrindo e fechando. Santana atende no segundo toque.

SANTANA

- O que você descobriu?

PIETRO

- São eles.

Santana continua falando, mas ele não escuta, paralisado em seu estupor. É arrancado dele quando escuta:

REGINA

(da porta do quarto)

- O que você está fazendo?

Seu pai aparece atrás dela logo depois. Ambos percebem as conclusões a que o filho chegou. Pietro tenta contorná-los para sair correndo, mas seu pai o segura. Ele deixa seu celular cair, a ligação não interrompida. Agora, o som direto é suspenso (ou apenas deixado em segundo plano e com volume baixo) enquanto a trilha final começa a tocar, criando o suspense para as cenas que serão intercaladas em montagem paralela.

CENA 20 - EXT. RUA EM FRENTE AO CENTRO DE PESQUISA E LABORATÓRIOS - FIM DE TARDE

A trilha continua, enquanto vemos um carro aproximando-se do Centro de Pesquisa (cujo logo é o mesmo dos jalecos brancos) e parando no lado oposto da rua, junto a árvores, as quais rodeiam o cenário. Do carro sai alguém que fecha a porta com força. No fundo ouvimos o som da luta entre Pietro e seus pais, que não o soltam enquanto ele implora para que deixem-no ir. A qualidade é ruim, como se estivéssemos escutando através de um celular. A figura some ao subir as escadas que dão para o Centro de Pesquisa e entrar no edifício.

CENA 21 - INT. QUARTO DOS PAIS DE PIETRO - NOITE

Vemos Pietro chorando em um canto, imobilizado por seu pai que o segura com força. No canto oposto, sua mãe está fazendo uma ligação. Vemos suas expressões sérias e frias, indiferentes ao filho.

CENA 22 - EXT. RUA EM FRENTE AO CENTRO DE PESQUISA E LABORATÓRIOS - FIM DE TARDE

A figura que entrou no Centro de Pesquisa agora sai, no mesmo ritmo determinado. Volta para o carro e dá a partida, saindo dali.

CENA 23 - INT. QUARTO DOS PAIS DE PIETRO - NOITE

Entram no quarto dois homens de branco vestindo camisetas com o logo do Centro de Pesquisa. Eles vestem em Pietro uma camisa de força contra sua vontade. O garoto esperneia e tenta mordê-los, mas não consegue ver-se livre. Seus pais só observam, distantes.

CENA 24 - EXT. RUA EM FRENTE AO CENTRO DE PESQUISA E LABORATÓRIOS - FIM DE TARDE

Vemos de frente enquanto o Centro de Pesquisa explode, destruindo o edifício de alguns andares completamente. Dentre os destroços caindo e a fumaça escura, vemos algo brilhante, como laranja fosforescente, porém coberto com chamas ainda mais intensas, pulando entre entulhos, até que, depois de um grande salto, sai voando até tornar-se um brilho distante no céu e sumir.

CENA 25 - EXT. EM FRENTE À CASA DE PIETRO - NOITE

Pietro é praticamente arremessado no banco traseiro de um carro grande, escuro e blindado. Vemos seu olhar de súplica dirigido a seus pais antes da porta ser fechada. Os homens de branco sobem no banco da frente e vão embora. Os pais de Pietro continuam frios com relação a tudo isso, acompanhando o carro sumir no fim da rua parados na varanda, sem dizer nada.

CENA 26 - INT. CARRO DE SANTANA - FIM DE TARDE

Agora vemos o rosto da antes desconhecida figura. É Santana, cuja expressão de determinação e satisfação pela explosão que causou mascara a dor que sente. Ao fundo, vemos o fogo e a fumaça onde antes havia o Centro de Pesquisa. Suas mãos apertam o volante com força enquanto ouvimos a voz metálica de Pietro, como se falasse num celular, dizendo:

PIETRO

- Mãe, pai! Por favor, não façam isso!
Por favor!

CENA 27 - EXT. RUA DESERTA - FIM DE TARDE

O carro de Santana some no horizonte.
Fim.